



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MANOEL VENÍCIO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

CÍRIO DE NAZARÉ:

**A CORDA COMO SÍMBOLO DE LIGAÇÃO
NA RELIGIOSIDADE POPULAR PARAENSE**

**JOÃO PESSOA/PB
SET/2019**

MANOEL VENÍCIO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Ciências das Religiões na Modalidade Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba/PB, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Ciências das Religiões.

Orientadora: Dr^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti

JOÃO PESSOA/PB
SET/2019

Catálogo na Publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O80c Oliveira, Manoel Venício Teixeira de.

CÍRIO DE NAZARÉ: A CORDA COMO SÍMBOLO DE LIGAÇÃO NA
RELIGIOSIDADE POPULAR PARAENSE / Manoel Venício
Teixeira de Oliveira. - João Pessoa, 2019.
80 f. : il.

Orientação: ANA PAULA RODRIGUES CAVALCANTI.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Círio. Simbolismo. Corda. Religiosidade. Devoção. I.
CAVALCANTI, ANA PAULA RODRIGUES. II. Título.

UFPB/BC

DEDICATÓRIA

Ao povo paraense que encontra no Círio de Nazaré sua razão de ser e de viver. Por suas peculiaridades e características, de modo a perceber e compreendê-lo: “Como um acontecimento que envolve, direta ou indiretamente, toda a população paraense, estendendo ainda sua influência para além dos limites do Estado do Pará”.

Buscando ainda compreender que a manifestação religiosa dos paraenses: “É mais do que um mero fenômeno religioso, podendo ser observado e compreendido sob diversos pontos de vista: religioso, estético, turístico, cultural, sociológico, antropológico etc.”.

E que: “No Círio, o sagrado e o profano não se excluem, complementam-se, e ambos fazem parte dessa grandiosa manifestação”.

Nosso respeito e admiração ao povo paraense, por ter nos permitido adentrar em sua cultura e religiosidade popular, e por nos proporcionar conhecer um pouco de suas características e devoção particular.

Dedicamos esse trabalho de conclusão de curso àqueles que são símbolo de resistência, fé e condição expressiva de um sagrado diferente do nosso, mas que deve ser considerado com respeito e admiração.

Ao meu bisavô, indígena e paraense, que proporcionou sua própria fuga dentro de uma embarcação, sem saber se chegaria vivo e onde estaria vivendo a partir de então. Sobreviveu, vindo de Belém, escondido, passando por privações, medos e angústias.

Pois num contexto de fuga, teve que esperar chegar em terra firme, para aparecer em segurança, mesmo que ainda, correndo risco de ser deportado na próxima embarcação de volta à Belém, Pará, Brasil.

Persistente, pediu aos embarcados, mesmo com sinais de silêncio, apenas com o mexer da cabeça, que não o mandassem de volta. Aos paraenses em geral e aos meus familiares gerados ali, antes da chegada no Estado da Paraíba de meu bisavô, nosso muito obrigado.

MANOEL VENÍCIO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

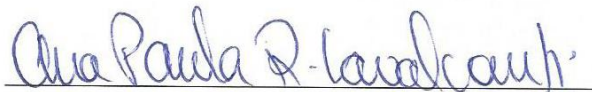
**CÍRIO DE NAZARÉ:
A CORDA COMO SÍMBOLO DE LIGAÇÃO
NA RELIGIOSIDADE POPULAR PARAENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Ciências
das Religiões na Modalidade Presencial, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba/PB, como
requisito institucional para obtenção do título de Licenciado
em Ciências das Religiões.

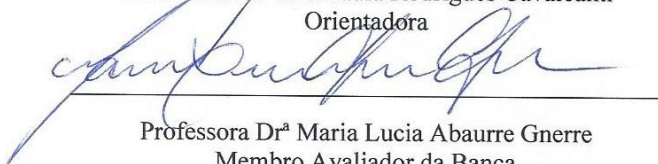
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti

Aprovado em 30 / 09 / 2019

BANCA EXAMINADORA:



Professora Dr.^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti
Orientadora



Professora Dr.^a Maria Lucia Abaurre Gnerre
Membro Avaliador da Banca



Professor Dr.^o Matheus da Cruz e Zica
Membro Avaliador da Banca

AGRADECIMENTOS

Toda jornada quando iniciada, começa sempre com um primeiro passo, por isso, nunca encontraremos alguém que iniciou sua caminhada e que não venha depois de um longo trajeto externar em sua vida e em seu corpo marcas significativas.

O mesmo acontece com àqueles que decidem trilhar pelo contexto acadêmico, na busca de um saber que é único pela subjetividade, tornando-se múltiplo pela partilha do conhecimento adquirido durante uma graduação, como é o caso.

Outro aspecto relevante é dirigido agora para àqueles que “seguraram a corda” durante todo o tempo em que estivemos nesta jornada. Portanto, a partir desse entendimento, e lembrando da frase do filósofo grego Antístenes, que diz: “A gratidão é à memória do coração”.

Daí, passamos a refletir e a perceber que faltaria tempo e espaço para elencar a quantidade de pessoas que seguraram a corda durante esse período de tempo, e ainda dispostas a segurar em tempos futuros.

Expressamos nossa gratidão pela existência da Universidade Federal da Paraíba e às pessoas que contribuíram com seus recursos, permitindo nossa permanência como estudante e em processo de graduação no Ensino Superior.

Somos gratos a todos que compõem os quadros funcionais desta Cidade Universitária, daqueles que ganham a vida cuidando de vidas, demonstrando assim, um sentimento nobre de seres humanos, com os quais aprendi a conviver e admirar.

Pessoas que temos uma dívida que é impagável, podendo ser amortizada apenas pela partilha com aqueles que estão fora do contexto acadêmico e à espera de uma contribuição educacional significativa.

Somos gratos pelos colegas das turmas que compartilhamos ao longo desses anos de convivência, pelos amigos que conquistamos e pelos irmãos que foram sendo gerados no decorrer desta graduação.

Pessoas por quem temos admiração, respeito e consideração, pois estiveram conosco durante todo o processo de amadurecimento pessoal e acadêmico.

Cabendo menção honrosa aos nossos Professores e Mestres, que se gastaram e ainda se deixam gastar, para que pudéssemos chegar onde chegamos – suas horas de leituras, estudos e pesquisas precisam ser levados em consideração.

Portanto, destacamos aqui os nomes de alguns que marcaram nossa trajetória acadêmica, a começar pela Professora Doutora Ana Paula Cavalcanti, por seu apoio, dedicação e paciência.

Ao Professor Doutor Carlos André Cavalcanti, que de modo incisivo pôde contribuir com nossa pesquisa com uma dica riquíssima sobre parte da historiografia de Belém, Pará, Brasil.

Ao Professor Doutor Matheus da Cruz e Zica, que nos levou a perceber a relevância e decidir quanto ao nosso objeto de investigação. Somos gratos pela simpatia, entusiasmo e alegria quando lhe mostramos o Projeto de Pesquisa.

Ao Professor Doutor Thiago A. Avellar de Aquino, pela condução de suas aulas com aprofundamento acadêmico, simplicidade e paciência.

A Professora, em processo de doutoramento, Eleonora Montenegro, que nos trouxe de volta a alegria nas aulas de Oficina de Teatro, nos levando a perceber a relevância existente na vida humana, independente das circunstâncias adversas.

A Professora Doutora Maria Lucia Abaurre Gnerre, pela sua competência e alegria, fazendo com que a convivência com os alunos gerasse uma amizade sincera.

Escolhemos estes, no entanto não esquecemos de contemplar os demais, quando fizemos menção honrosa aos Professores e Mestres.

Ao amigo e irmão Joel Barboza Soares. Estudante aplicado e dedicado às causas sociais, principalmente pela defesa da Diversidade Religiosa e dos Direitos Humanos.

Ao Presbítero Francisco Marques de Macena, que durante toda nossa graduação, em contatos quase diários, relatava que estava intercedendo pela nossa vida, família e curso.

Ao corpo de médicos, enfermeiros e demais quadros funcionais do (INCOR / São Paulo), que num esforço tamanho nos salvaram a vida, no procedimento cirúrgico que passamos no início deste ano.

A todos que contribuíram com nosso tratamento de saúde naquele lugar, nossa imensa gratidão! Também a Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba e ao TFD.

Aos Colegas Vitor Ortega, Lorenzo e Valentino Sterza, Maricélia Silva, Elizabeth Lima, Katarine Laroche, Cilene Medeiros, Daianne Melo, Joyce Monteiro, Jailson Silva, Faet Santiago, Lenilson Guedes, Maria de Lourdes e Ubiratan Nascimento.

Ao Senhor nosso Deus, que sempre esteve presente conosco nessa jornada, nos fazendo perceber, em meio a tantos obstáculos e desafios, a possibilidade de chegarmos onde chegamos!

Nos momentos de tristeza e profundo pesar, por coisas perdidas e por outras que se perderam, mesmo assim, foi possível alcançarmos a linha de chegada, tão distante no princípio, mas agora com o troféu em mãos, nos resta apenas agradecer por tão grande vitória.

Ao esforço e dedicação de meu pai, Antônio Sebastião de Oliveira, que apesar de seu pouco saber educacional, e mesmo sem possuir grandes condições, sempre buscou demonstrar a honra que existe na força do trabalho e na dedicação.

A minha mãe, Aluísia Teixeira de Oliveira, por suas orações e preocupação quanto ao nosso desempenho nos estudos. Por sua força interior, apesar dos sofrimentos que a vida lhe trouxe, sempre desejou que pudéssemos chegar nessa conquista.

A minha esposa Cláudia Patrícia de Lima Silva Oliveira, que de maneira sobre-humana contribuiu para que pudéssemos nos dedicar integralmente aos estudos. Pelo seu exemplo de esposa, companheira e auxiliadora nos momentos de maiores dificuldades, nossa eterna gratidão.

A minha amada filha, Emanuely Lima de Oliveira, que compreendeu os momentos em que não podíamos sair, pois, a disciplina nos estudos era necessária, pois, havia prazos para as produções acadêmicas.

Pelos dias em que esteve conosco nos incentivando – em dias em que estávamos prestes a abrir mão do sonho da formatura, nos levou a acreditar que seria possível alcançar a vitória, mesmo em meio as turbulências planetárias que surgiram no decorrer dos períodos.

A minha sogra, Maria do Socorro Paiva de Lima Silva, (Professora) e meu sogro, Walfrêdo Lopes da Silva (in memoriam).

Ao amigo e irmão em Cristo, Osvaldo Pinto de Oliveira, que nos conduziu tantas vezes, entre chuvas e eventuais quebras no caminho, a ponto de gastar do próprio bolso para a manutenção do ônibus, por tudo, nossa gratidão e respeito a este nobre companheiro de lutas.

As insubstituíveis Lassie e Maggie, companheiras nos momentos de estudos, que permaneceram próximas em dias, noites e madrugadas, nos fazendo perceber seu cuidado e carinho para conosco, nos divertindo nos momentos quase insuperáveis.

Enfim, a todos àqueles que intercederam ao meu favor, quando estivemos em fase de recuperação cirúrgica, na qual quase tivemos a existência ceifada.

Mas a bondade e misericórdia do Eterno nos poupou e nos permitiu que o sonho que começou muito distante, hoje se chame realidade!!!

CÍRIO DE NAZARÉ:



A CORDA COMO SÍMBOLO DE LIGAÇÃO NA RELIGIOSIDADE POPULAR PARAENSE

“Quando falamos em sagrado, queremos dizer que aquele objeto, espaço, pessoa ou divindade possui elementos de sacralidade para uma pessoa, grupo ou mesmo uma comunidade”.

Manoel Venício

RESUMO

Buscando compreender melhor o fenômeno religioso existente no contexto da religiosidade popular, especificamente no Círio de Nazaré, investigaremos um elemento pertencente ao contexto daquela manifestação religiosa que vem sendo realizada há mais de dois séculos, em Belém do Pará, no Brasil. Analisaremos a corda como símbolo de ligação no catolicismo popular do Norte, descrevendo brevemente os aspectos socioeconômicos, histórico-religiosos do Círio de Nazaré. Apesar da existência de uma vasta contribuição anterior sobre o tema “o Círio de Nazaré no contexto da religiosidade popular”, uma melhor compreensão e nova análise temática da corda como símbolo característico do Círio e do catolicismo popular trará uma contribuição social e cultural rica em simbolismos, através deste elemento, o qual foi introduzido no contexto religioso do povo paraense num momento histórico específico.

Palavras-chave: Círio de Nazaré. Simbolismo. Corda. Religiosidade. Devoção.

ABSTRACT

Seeking to better understand the religious phenomenon existing in the context of popular religiosity, specifically in the Círio de Nazaré, we will investigate an element belonging to the context of that religious manifestation that has been held for more than two centuries in Belém do Pará, Brazil. We will look at the rope as a binding symbol in northern folk Catholicism, briefly describing the socio-economic, historical-religious aspects of the Círio de Nazaré. Despite the existence of a vast previous contribution on the theme “The Círio de Nazaré in the context of popular religiosity”, a better understanding and new thematic analysis of the rope as a characteristic symbol of the Círio, and popular Catholicism, will bring a social and cultural contribution rich in symbolisms, through this element, which was introduced in the religious context of the people paraense at a specific historical moment.

Keywords: Círio de Nazaré. Symbolism. Rope. Religiosity. Devotion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1. O SURGIMENTO DA CORDA COMO FORMA SUBSTITUTIVA NA PROCISSÃO	17
1.1. A introdução da corda no Círio de Nazaré (oficialmente)	23
1.2. O simbolismo da corda no Círio de Nazaré	26
1.3. A corda como símbolo de ligação na religiosidade popular paraense	28
2. BREVE ANÁLISE DE FOTOS: A CORDA EM MOVIMENTO: CONFECÇÕES, USO E APROPRIAÇÕES	36
2.1. Campanhas para a permanência da corda até o término da procissão	47
2.2. A corda em dois momentos específicos do Círio de Nazaré	50
2.3. A corda: dor, fé e devoção no Círio de Nazaré	53
3. AS INTERDIÇÕES QUE SURGIRAM AO LONGO DO TEMPO	57
3.1. Interdições da Igreja Oficial (a retirada da corda)	59
3.2. Percursos vencidos através dessas interdições	62
3.3. Percorso turístico: devoção e seus agenciamentos	65
CONCLUSÕES	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXO	77

INTRODUÇÃO

Na busca de compreender o fenômeno religioso existente na religiosidade popular, especificamente no Círio de Nazaré, pretendemos investigar um elemento simbólico pertencente ao contexto daquela festividade.

O Círio de Nazaré, assim, denominado é uma manifestação cultural e religiosa realizada em Belém, Pará, Brasil, desde 1793, quando a região era dividida entre a Província do Grão-Pará e do Rio Negro (nos períodos Colonial e Imperial).

O território ainda não era configurado geograficamente como o conhecemos. Estava dividido pelas regiões Norte e Nordeste, estabelecendo-se gradativamente, no entanto, o Brasil originou-se pelo Nordeste.

O Círio de Nazaré vem reunindo por mais de dois séculos pessoas de todos os lugares, devotos, visitantes e turistas, e a cada ano esse número vem aumentando e se consolidando no aspecto turístico.

Quanto aos aspectos socioeconômicos, está prevista para o próximo Círio de Nazaré, conforme pesquisa publicada pelo DIEESE¹, e SETUR, uma arrecadação média estimada de 32 milhões de dólares.

O Círio de Nazaré faz parte do Roteiro Nacional, sendo reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Brasil, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em setembro de 2004.

No âmbito internacional, como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 2013, estando inserido no contexto da religiosidade popular paraense, agrega em sua realização anual em torno de 2,5 milhões de pessoas, como na 225ª edição em 2018.

Os eventos do Círio de Nazaré são vários: procissão fluvial, motorromaria, almoço do círio, festa da chiquita, círio das crianças, trasladação, arrastão do boi pavulagem, recírio. Entretanto, delimitaremos nosso trabalho a procissão realizada no domingo pela manhã.

Da grande maioria dos participantes que estiveram presentes em uma das edições do Círio de Nazaré, estima-se que 95% retornam, atraídos pela devoção, receptividade paraense, além do contato com o sagrado.

¹ Círio de Nazaré deve movimentar cerca de US\$ 32 Milhões em 2019, afirma DIEESE: Festa religiosa atrai turistas de vários municípios, estados e também do exterior. Para a edição 2019, são esperados 83 mil turistas em Belém. Por G1 PA — Belém, em 06/09/2019, 09h06 – Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2019/09/06/cirio-de-nazare-deve-movimentar-cerca-de-us-32-milhoes-em-2019-afirma-dieese.ghtml> – Acesso em 09/09/2019.

O tema justifica-se pela força existente na religiosidade popular, na inexistência de aspectos de hierarquia institucional, sobrevivendo em meio às interdições, como as ocorridas entre (1926-1930) em relação a corda.

Nosso trabalho visa investigar se, de fato, a corda do Círio de Nazaré no decorrer do tempo constituiu-se *como símbolo de ligação na religiosidade popular paraense*, nesta festividade religiosa.

Seria a corda esse símbolo de ligação? Ou o povo paraense o sacralizou no contexto de sua religiosidade popular?

O título surgiu como forma de compreender como um elemento comum tornou-se sacralizado. Uma corda que surgiu da mão de um comerciante anônimo, expandiu-se e sacralizou-se por outras mãos, e para gerações posteriores.

Especificamente no Círio de Nazaré, buscaremos descobrir se ela tornou-se sagrada e simbólica ao mesmo tempo, num tempo remoto e espaço sagrado, rememorados nos eventos seguintes a sua introdução em 1855.

Anualmente crescem as estruturas em volta do evento, e a cidade de Belém se prepara para receber, conforme o DIEESE e SETUR, a presença estimada de 83 mil turistas para o Círio de Nazaré de 2019.

O termo utilizado para receber os participantes numa perspectiva turística, denomina-se turistificação, gerando empregos informais, renda e estabilidade para a cidade e seus moradores, nos aspectos socioeconômicos.

O Círio de Nazaré, além de suas várias representatividades, destaca-se também no cenário religioso, por abrigar um aglomerado de pessoas que fazem do evento uma partilha de fé e devoção no cenário religioso brasileiro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Analisaremos a corda como um possível *símbolo de ligação na religiosidade popular paraense*, pois, dada a diversidade existente nos vários grupos pertencentes à religiosidade popular, decidimos verificar alguns aspectos socioeconômicos e histórico-religiosos.

No entanto, é preciso deixar claro que apesar da existência de uma vasta contribuição anterior sobre o tema “o Círio de Nazaré no contexto da religiosidade popular”, buscaremos trazer uma contribuição sociocultural da corda como elemento característico.

Contribuição que proporcione novas perspectivas e análises sobre a temática, rica em simbolismos típicos das manifestações religiosas, e que no Círio foi introduzido num momento histórico do contexto religioso paraense.

Mediante o contexto das festividades: *Quando a corda se tornou símbolo de sacralidade no Círio de Nazaré?*

É o que pretendemos responder, se possível, no decorrer do trabalho, descobrindo se a corda é mesmo um *símbolo de ligação na religiosidade popular paraense*, entre os devotos e a Santa de Nazaré.

O termo Círio como nomenclatura substitutiva de Círio de Nazaré, poderá ser compreendido como forma abreviada, facilitando à leitura, sem necessariamente haver repetições por completo, exceto em citações no corpo do texto.

O termo semântico da palavra Círio, que é um substantivo masculino, do Latim *cereus* significa: “*uma grande vela de cera, e que na Religião, tem o significado de procissão em que se leva, de uma localidade para outra, uma dessas velas*”.

Faremos uma revisão bibliográfica com as palavras-chave: Círio de Nazaré, Simbolismo, Corda, Religiosidade e Devoção, nas bases de dados da UFPB, nos periódicos CAPES, SCIELO, DOSSIÊ IPHAN I, {Círio de Nazaré, 2006}, e alguns sites contidos nas referências do trabalho.

Nos guiaremos pelos marcos teóricos de Carlos Brandão¹ e Mircea Eliade², sobre os aspectos da Religião e Cultura Popular¹, sobre o Sagrado e o Profano² no contexto do Círio de Nazaré.

Este trabalho será organizado em três capítulos, onde o primeiro tratará sobre o surgimento da *corda como forma substitutiva na procissão*.

O segundo, *uma breve análise de fotos da corda em movimento: confecções, uso e apropriações*, onde faremos um breve estudo de caso de uma personagem no contexto da religiosidade popular paraense.

E por fim, o terceiro exporá *sobre as interdições que surgiram ao longo do tempo* na devoção a Santa de Nazaré, envolvendo questões políticas e eclesiásticas da época.

No decorrer do texto, alguns simbolismos da corda serão citados do Dicionário de Símbolos, numa melhor compreensão da temática desenvolvida, e seus significados entre outras culturas e povos.

Para isso, pretendemos responder em linhas gerais às indagações listadas abaixo, que serão discorridas no corpo do texto:

1. O que encontramos na literatura e fontes eletrônicas, quanto aos aspectos socioeconômicos, histórico-religiosos no que se referem aos ritos e interdições no Círio de Nazaré, enquanto religiosidade popular paraense?
2. Quais as contribuições mais relevantes podem ser citadas no contexto do Círio de Nazaré?
3. Quais as influências socioeconômicas, histórico-religiosas no Círio de Nazaré que continuam mantendo vivas as práticas daquela manifestação religiosa?
4. Quando a corda se tornou símbolo de sacralidade no Círio de Nazaré?

1. O SURGIMENTO DA CORDA COMO FORMA SUBSTITUTIVA NA PROCISSÃO

A historicidade de um povo reflete sobre suas origens e características: culturais, estéticas, sociológicas, antropológicas, religiosas etc., e mesmo de suas afirmativas, que ao longo do tempo se deixa conhecer por suas peculiaridades.

A História do Círio é uma história de resistência, de entraves com o poder eclesial da época, dos interesses políticos e da própria vivência do povo paraense em termos de cultura e religião popular.

Encontramos no Dossiê do Iphan I, 2006, informações relevantes que poderão ajudar no entendimento e numa melhor compreensão dessa relação entre os poderes e a religiosidade popular paraense.

O Círio surgiu como proposta de uma feira expositiva e extrativista, por se tratar de uma vivência agrícola da época, pois, o próprio Plácido José dos Santos, era um simples agricultor, e quem encontrou a imagem da Santa de Nazaré.

Daí, percebe-se o porquê de uma feira popular anterior ao Círio, e uma procissão de origem humilde para pessoas humildes, surgindo nesse contexto, trocas de vivências do povo paraense do campo.

A inauguração da feira estava programada para o ano de 1791, dois anos antes do início do Círio, no entanto, a mesma surgiu sem pretensões, pois, se tratava de um evento comum entre pessoas da cidade e do interior da província.

Na intenção de fomentar o comércio da província é que a feira foi organizada, mas o intento inicial, tornou-se no que conhecemos hoje, o Círio em homenagem a Santa de Nazaré:

A primeira “parada da vida” dos paraenses proporcionada pelo Círio de Nazaré ocorreu em 1793. Dois anos antes, o então Presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, ávido por fomentar o comércio regional paraense, resolveu organizar uma grande feira na qual os produtos agrícolas e extrativistas de toda a província seriam expostos e comercializados. Estrategicamente, Sousa Coutinho determinou que a feira deveria ocorrer no final de 1793, na mesma época em que os devotos costumavam homenagear a Virgem de Nazaré. A oficialização da devoção pela Igreja e a feira organizada pelo presidente da província ocorreram no mesmo ano, o que demonstra um indício de popularidade da devoção à imagem, bem como evidencia a preocupação dos poderes instituídos, Estado e Igreja, no sentido de exercer o controle sobre ela. Alvo das atenções e dos interesses da Coroa e da Igreja, a devoção popular à Nossa Senhora de Nazaré caminhava para uma futura institucionalização. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 14-15).

Os interesses eram diversos como percebe-se, mas a partir daqui, começa o que conhecemos hoje, como sendo a maior manifestação cultural, regional e religiosa do Estado do Pará.

A popularidade do Círio surge num contexto de disputas do controle da religião popular dos paraenses, de um povo humilde num contexto de disputas de interesses diversos entre clérigos e políticos:

A devoção popular diz respeito ao culto tradicional aos santos, isto é, a um culto caracterizado por uma maneira específica de se relacionar com o santo que se resume na prática de alianças ou contratos, na forma de dom e contra-dom, em que o fiel se compromete a retribuir simbolicamente uma vantagem material ou simbólica conseguida ou pretendida (cf. OLIVEIRA², 1985, p. 113ss.). (REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 3 / 2003 / p. 32).

Para os devotos os interesses políticos e clericais é uma maneira divergente de se ver sua devoção, pois, sua relação com o sagrado é realizada por contratos simbólicos de comprometimentos e retribuições.

No entanto, a pretensão para outros poderes, na visão de Brandão, nota-se que os interesses visam o domínio sobre os subalternos, sobre àqueles que usam da devoção para uma condição ascensional:

Brandão afirma que a Religião popular “*é a parte subalterna de um trabalho simbólico e político no setor religioso*” (BRANDÃO, 1986, p. 298). Tal premissa nasce do fato de a Religião popular ser considerada um *locus* no qual a relação estrutural de oposições do mundo político se apresenta segundo artifícios culturais específicos. (REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 3 / 2003 / p. 36).

Para o outro lado, os aspectos culturais, torna-se moeda de troca para se conseguir o que se quer, visando a promoção, o domínio e a manutenção na condição política e contínua de dominação sobre os subalternos.

As festividades do Círio possuem hoje precisamente duzentos e vinte e seis anos de existência, conflitos e disputas pelos diversos poderes, em seus territórios sagrados e as demais territorialidades.

Pois, desde sua realização oficial em 08 de setembro de 1793, vem sendo mantida pela fé e devoção do povo paraense, embora a existência de conflitos, alguns aspectos marcam a realização do Círio desde seu início:

² OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe:** gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

Outro aspecto que marca também o Círio de Nazaré desde suas origens é a sua extrema popularidade. Apesar da iniciativa de o primeiro Círio ter partido de um governante, historicamente a procissão representa o predomínio de uma romaria de origem popular sobre as fórmulas tradicionais de origem oficial. O Círio de Nazaré não se firmou em função do prestígio oficial que o cercou desde o início, mas se impôs por si mesmo, graças à decisiva participação popular e à recusa dos devotos em transformar sua principal manifestação religiosa em ‘ciriódromo’, com hora certa de saída e tempo exato de chegada, na curiosa expressão de Flávio Nassar³. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 18).

A popularidade do Círio sem dúvida têm sido ponto-chave para sua permanência e conforme Flávio Nassar, a recusa do povo paraense, constituiu-se numa resistência em transformá-la numa forma mecanizada de devoção.

A devoção do povo paraense até meados de 1855 era realizada com elementos tradicionais, como a imagem da Santa de Nazaré, a berlinda, os carros de tração animal, pois, a corda ainda não fazia parte do contexto do Círio.

A corda passou a fazer parte do Círio neste mesmo ano, quando uma enchente da Baía de Guajará alagando a orla, do Mercado Ver-o-Peso até às Mercês, no decorrer da procissão, fez com que a berlinda ficasse imóvel.

Os animais ficaram impedidos de conduzir a estrutura e desatrelados deram lugar à corda, pois o uso de tração animal era comum na época, daí, então, surgiu a corda como forma substitutiva no contexto da procissão do Círio.

Um comerciante local, vendo a cena, emprestou uma corda para que os devotos puxassem a berlinda. No entanto, foram esperados 62 anos, até que se tornasse parte constituinte do Círio.

A partir desse episódio, a corda foi introduzida, e ao longo de sua permanência diversas interdições surgiram, sendo inclusive abolida da festa entre (1926-1930), através de um clérigo que buscou abolir a corda das festividades.

O Arcebispo Dom Irineu Joffily, que percebia na corda um elemento fora do contexto sacralizado, realizou reformas no contexto do Círio, de modo a retirá-la por quatro anos consecutivos.

Portanto, *a corda foi abolida por não ser considerada sagrada, ou o seu simbolismo era uma ameaça ao monopólio do poder clerical da época?*

³ Nota 10. Cf. NASSAR, Flávio. Você acha que se deveria tornar a corda como Patrimônio Cultural do Estado? O Liberal, 1997. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

Para o Arcebispo Dom Irineu, homens e mulheres não deveriam estar juntos em volta de uma corda. Por isso, além de proibir o seu uso, designou que fosse extinto o carro que era utilizado no Círio:

Os aspectos mais polêmicos das reformas diziam respeito à abolição da *corda* e à abolição do próprio carro que conduzia, sendo este transformado em andor, carregado nos ombros dos fiéis. Apesar da forte reação popular e de uma parte da imprensa, as modificações foram mantidas, com apoio do governador do estado, Dionísio Bentes, que colocou a polícia nas ruas para garantir, de forma até mesmo violenta, o cumprimento das ordens do arcebispo. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 24).

Na intenção de cumprir as fortes decisões no contexto das reformas de Dom Irineu, não se pensou noutra condição a não ser utilizar-se da força policial para o cumprimento de suas determinações, arbitrárias, diga-se de passagem.

Outro grupo que também foi alvo das determinações do Arcebispo, foram os marinheiros, também abolidos das festividades, por suas coreografias serem divergentes das apresentações nas ruas de Belém.

Pois, a religião popular pode ser percebida de dois pontos de vista: o lado de dentro e o de fora, no entanto, mesmo por teóricos que percebam nela aspectos necessários para sua manutenção.

A religião popular vista de longe, (Durkheim, 1968), e vista de perto, (Brandão, 1986):

Quando vista de longe, a Religião significa a equação sacralizada de uma ordem social existente ou percebida como um todo (Durkheim, 1968: 600-609). Olhada mais de perto, a Religião revela que legitima modos definidos do poder que sustentam a ordem de dominância política segundo os interesses definidos por algumas de suas classes. Mais de perto ainda, às vezes pelo lado de dentro, as agências e as ideologias mostram que respondem por funções e serviços de significação diferenciada de modos sociais de vida, e dos projetos políticos de cada uma das classes de uma mesma formação social. (BRANDÃO, 1986, p. 297-298). (REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 3 / 2003 / p. 36).

O contexto do Círio revela bem as características expostas, que são relevantes por Durkheim e Brandão, pois, nesse contexto os interesses são diversos, embora que estejam numa esfera religiosa e política, fazem parte de um todo sociológico.

Destaca-se aqui, uma dimensão religiosa, onde os interesses levam a práticas muitas vezes divergentes do cargo, seja político e mesmo eclesiástico, como no caso dos marinheiros que foram banidos por questões religiosa-sócio-política.

O que se percebe nas entrelinhas, é a maneira específica que esses homens possuíam em relação ao manuseio das cordas no ambiente das águas. *Será que esses também se constituíam uma ameaça para os clérigos, em incentivar a corda como símbolo sagrado?*

Encontramos no dicionário de símbolos uma referência aos marinheiros, que talvez não se aplique diretamente ao contexto da abolição desses, mas reforce o motivo em parte das interdições daquela época:

Era com uma corda que os feiticeiros das regiões nórdicas atavam os ventos sobre os quais tinham poder. Numa ilustração da História de gentibus septentrionalibus (Olaus Magnus, Roma, 1555), vêem-se dois navegadores em discussão com um feiticeiro, de pé sobre um rochedo isolado, no mar para saber por que preço ele lhes venderá a corda de três nós que ele tem na mão e que encerra os **ventos subjugados**. Desfazendo o primeiro nó, eles obtêm um bom ventinho de oeste-sudoeste; desfazem o segundo, trocam-no por um vento norte assaz rude; uma vez desmanchado o terceiro, sobrevém a mais horrível tempestade (GRIA, 105). (Dicionário de Símbolos, p. 286).

Os marinheiros da época não argumentaram com os clérigos, pelo contrário, enfrentaram os ventos da abolição e as tempestades que os fizeram naufragar em sua devoção, deixando-os à deriva, sem condições de navegar no rio de gente e no mar de fé.

Dentre as interdições ocorridas, além da abolição dos marinheiros, existiram outras: a retirada da corda do contexto do Círio, e o processo de oficialização que durou treze anos consecutivos.

A corda como elemento sagrado e simbólico reconhecido pelo poder clerical, mesmo sendo vista como um elemento da cultura popular, teve seu primeiro reconhecimento em 1868, pelo grupo denominado de Irmandade de Nazaré.

Entretanto, houve conflitos anteriores em relação a Festa de Nazaré. Em uma das noites no arraial da santa, alguns participantes apresentaram “quadros com representações indecorosas” (mulheres despidas), daí:

A reação das autoridades religiosas veio rápida. Em outubro de 1877, o bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, suspendeu as funções religiosas da Festa de Nazaré e fechou a porta da ermida. O fato teve grande repercussão, na cidade e no interior, sendo a atitude do bispo duramente criticada, sobretudo pela imprensa liberal. Apesar da proibição, o povo, instigado por membros da Irmandade de Nazaré (que era responsável na época, pela organização do Círio e da Festa), abriu por conta própria a porta da ermida⁴, apoderando-se dos instrumentos de celebração, acendendo velas e lustres, tocando os sinos, para em seguida entoar, “com todo o

⁴ Ermida era o local onde ficava a Santa de Nazaré, antes da construção da igreja, que no futuro substituiria a mesma no contexto da devoção do povo paraense, a sua protetora. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 22).

recolhimento, uma ladainha que era acompanhada por grande número de pessoas, ajoelhadas nas ruas⁵”. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 22).

O evento de uma exposição descaracterizada da Festa de Nazaré, levou os clérigos a reagir duramente, mas o povo em contrapartida, se opôs, e violando a ermida, foram as ruas com suas ladainhas em veneração a Santa de Nazaré.

A irmandade foi crescendo em autonomia, mas o clero após o episódio da ermida, foi aos poucos afastando-a da organização, mesmo que apoiados pelo governo, perderam as credenciais:

A questão chegou a repercutir no Senado do Império, provocando debates inflamados. O governo provincial, a princípio, deu todo apoio à irmandade, desconsiderando, de várias formas, a autoridade religiosa. O impasse, entretanto, chegou ao fim pela mediação do próprio presidente da província, José Coelho da Gama e Abreu, o barão de Marajó⁶, com a criação de uma comissão para organizar a festa, formada por confrades e religiosos, nomeada pelo bispo. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 22).

A comissão criada pelo bispo, daria fim ao envolvimento da Irmandade de Nazaré na organização da Festa. Sua menção instigadora em incentivar os devotos no rompimento da ermida, custaria o preço de seu descredenciamento.

A oficialização da corda pela Igreja Católica, levou aos poucos a Irmandade de Nazaré, perder sua participação na organização das festividades, mesmo tendo influenciado nesse processo.

A corda constitui-se como um dos maiores ícones da festa, utilizada na Trasladação e no Círio, confeccionada em sisal torcido, e possuía 420 metros já em 1990, para cada uma das procissões do Círio.

Até meados de 2003, seu formato era em configuração de “U”, com as duas extremidades atreladas à berlinda, mas buscando evitar acidentes, tornou-se linear. Hoje possui 400 metros e duas polegadas de diâmetro.

A partir de 2004, por motivos de segurança, a corda ganhou formato linear, dividida em cinco estações, confeccionadas em duralumínio, que ajuda a dar tração à corda e ritmo às procissões.

⁵ Nota 17. Cf. ROCQUE, Carlos. op. cit. pp. 63-64. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

⁶ Nota 18. Cf. LUSTOSA, D. Antônio de Almeida. *Dom Marcelo Costa (Bispo do Pará)*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

O atrelamento à berlinda ocorre de forma planejada. Em cada uma das estações existe a presença dos chamados animadores da corda, que têm a função de estimular os devotos com palavras de ordem, cânticos e orações.

O esforço da Diretoria do Círio e dos órgãos de segurança são nitidamente incansáveis, em fazer com que a corda chegue ao término da procissão sem que seja cortada precocemente.

As campanhas de conscientização em manter a corda inteira, teve seu primeiro lançamento em 2011, sendo reafirmada próximo a cada Círio, fazendo com que os devotos não tragam objetos cortantes e pontiagudos, evitando acidentes desnecessários.

Reunir mais de dois milhões de pessoas num único evento é bastante complexo, como na última edição de 2018, que 2,5 milhões de participantes estiveram presentes naqueles dias de festividades, em se tratando de manifestação religiosa e popular.

1.1. A introdução da corda no Círio de Nazaré (oficialmente):

A corda entrou no cenário do Círio oficialmente treze anos depois (1855-1868), entre polêmicas e interdições. O contexto do Círio ocorria dentro das normalidades, se não fosse uma enchente, mudar a forma tradicional das festividades.

O poder clerical detinha o monopólio, mas o cenário mudou tão rápido, quanto ao cair de uma chuva torrencial inesperada. Daí a corda surgiu como forma de auxílio para o povo paraense, mudando o cenário e sua historicidade religiosa.

Sem nenhuma pretensão a corda e o povo se uniram e nunca mais quiseram separar-se. O poder clerical da época não compreendeu aquele símbolo de ligação. *Era a corda uma ameaça para os clérigos? Um símbolo que divergia dos tradicionais?*

O poder clerical da época não percebeu sua simbologia ou censurou? Nem mesmo sua utilidade nas procissões, pelo fato do Estado do Pará, pertencer a região Norte, vivenciar excedentes episódios de chuvas torrenciais.

Talvez, esse fenômeno da natureza não foi capaz de convencer os clérigos sobre sua simbologia, sacralidade e utilização nas procissões progressivas do Círio, daí, começaram os conflitos em torno da corda.

Entretanto, mesmo com as chuvas torrenciais, *a corda teria utilidade permanente nas procissões? Será que a simbologia da corda não foi percebida pelo poder clerical? Ou seria uma ameaça futura às suas relíquias?*

Buscaremos compreender melhor o conceito de relíquia e como a mesma se constitui num processo hierarquizado, dogmatizado, tornando-se sagrada. Existem vários tipos de relíquias. As mesmas se configuram em três graus, os quais buscaremos conceituá-los.

A relíquia de primeiro grau, constitui-se numa parte física do próprio do Santo (a). A segunda está relacionada aos objetos usados por ele (a) em vida. A terceira podendo ser um objeto simbólico.

Considerando relíquia uma parte que teve contato com uma Santa de maneira simbólica, relíquia etimologicamente, seria “aquilo que resta”, de um Santo em vida.

No caso específico da procissão seria numa hipótese, *o resto da corda dividida, caracterizando em tese numa “Relíquia Sagrada” para os promesseiros e devotos?*

A corda apareceu no contexto do Círio por causa das chuvas, gerando uma enchente, impossibilitando os animais de prosseguir com a berlinda no cortejo.

Daí a corda surgiu em meio ao caos, como providência e auxílio aos devotos. A chuva também simboliza a corda, conforme citação encontrada no dicionário de símbolos:

Lá nas civilizações da América Central é um símbolo divino. Cordas pendentes do céu simbolizam, nas artes maia e mexicana, o **sêmen divino** caindo do céu para fecundar a terra. Esse simbolismo é encontrado também no nome do mês que marca o começo da estação das chuvas e que, no antigo calendário mexicano, se diz Toxacatl, que significa “corda” ou “laço” (GIRP, 99). (Dicionário de Símbolos, p. 286).

Situando a referência simbólica da chuva com o simbolismo da corda, encontramos uma bricolagem de símbolos, levando em consideração o fato de que o Brasil pertence à América Central.

Percebe-se também uma dupla referência em relação a corda como símbolo de ligação entre o céu e a terra. A introdução da corda no Círio, dentre vários aspectos, possui relevância transcendental.

A corda se tornou símbolo, por causa de um outro símbolo, que também lhe representa: a chuva torrencial que caiu formando a enchente; assim, a corda se constituiu como símbolo de ligação visível e permanente.

Corroborando com a citação anterior: “Nos costumes locais como manuscrito maias, a chuva é, igualmente, simbolizada por cordas. Não se diz, familiarmente, em francês, quando chove muito, que *il tombe des cordes?* (caem cordas)”. (Dicionário de Símbolos, p. 286).

A conexão existente nas duas citações, quanto ao duplo simbolismo da chuva e da corda, pode ser exemplificada quando se observa a chuva caindo: as águas do alto fazem conexão do sagrado com o terreno.

De fato, pode existir um símbolo de ligação entre o transcendental e o homem: o céu simbolizando o transcendente, e o homem simbolizando a terra, sua essência de criação, conforme à Literatura Judaica.

Encontramos ainda entre o povo paraense, símbolos regionais que devem ser percebidos, como a relação entre a corda e a cobra, que de certa forma no contexto do Círio, simbolicamente faz menção ao réptil:

Contando com elementos típicos da cultura paraense, o *arrastão do boi pavulagem* chama atenção pela sua estrutura física, que procura agregar tanto signos do período das festividades de São João (estandarte dos santos, bandeiras, adereços de mão), como os signos regionais da cobra-grande, dos cavalinhos, da orquestra de metais (trombone, saxofone, trompete), todos eles advindos do boi-bumbá (boi tinga) do Município de São Caetano de Odivelas. Em 2001 foi introduzida no cortejo a alegoria de uma cobra de 20 metros confeccionada de miriti. O *arrastão* é sempre acompanhado por um grupo de músicos, que tocam instrumentos rítmicos como tambores, matracas, barricas, chequeré, surdos e caixas. As toadas impõem ao cortejo um ritmo alegre, durante todo o seu desenvolvimento. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 57).

O *Arrastão da Pavulagem* é um cortejo da cultura popular paraense, e no Círio sendo um elemento característico das festividades, marcam presença pela alegria que traz aos seus participantes.

Encontramos nele uma representação da cobra-grande, como símbolo da cultura amazonense, réptil que habita os rios, podendo ser esta resignificada pela corda no contexto do Círio, representada no cortejo pela cobra de Miriti, árvore típica do Pará.

A relação entre a corda e a cobra associadas, considerando o movimento realizado pelos devotos nas procissões do Círio nas ruas de Belém, faz lembrar o réptil típico da região amazonense.

O movimento da corda nas ruas de Belém lembra que “Na África, os feiticeiros utilizam a corda como instrumento de magia. Acredita-se que ela se transforme em serpente, cajado, fonte de leite etc.”. (HOLK). (Dicionário de Símbolos, p. 286).

Quanto as ruas de Belém ainda, e a passagem da corda por elas, temos referência no dicionário de símbolos, acerca da corda de prata e a via sagrada:

A corda de prata designa a via sagrada, imanente na consciência do homem, que liga seu espírito à essência universal, o *palácio de prata*. É a via da *concentração* pela

meditação. Varuna é representado, em geral, com uma corda na mão, símbolo do seu poder de ligar e desligar (laços*). (Dicionário de Símbolos, p. 285).

O Círio em tese possui algumas características da citação supramencionada, sendo as ruas de Belém, simbolicamente a via sagrada, e a corda símbolo de ligação dos devotos com a Santa de Nazaré.

Assim, a conexão desses símbolos nas festividades, demonstra uma maneira peculiar e uma condição de estar ligado ao sagrado pela sua simbologia, no contexto da religiosidade popular paraense.

1.2. O simbolismo da corda no Círio de Nazaré:

Medindo atualmente oitocentos metros, e utilizada nas duas procissões, a corda não contempla a todos, porém, aqueles que desejam ter proximidade antes das festividades, podem fazê-lo visitando o Espaço da Memória, conforme notícia postada⁷, em 23/09/2019.

A exposição da corda antes da realização do Círio representa muito para os devotos, mesmo levando em consideração que todos os anos eles podem percebê-la numa perspectiva diferente à sua apropriação simbólica.

Por um instante, tocar a corda é ter contato com o sagrado, a sensação que o céu se estabeleceu simbolicamente com os devotos, vindo de cima para baixo; essa condição torna a corda ainda mais um objeto sacralizado para os participantes do Círio:

Esse símbolo de ligação pode ser comparado ao desejo de transcender, alçando dimensões espirituais, de modo que:

A corda está ligada, de maneira geral, ao simbolismo da ascensão, como a árvore*, a escada de mão*, o fio de teia de aranha*, (laços*). A corda representa o meio, bem como o desejo de **subir** (ELIT, 95). Ainda: Atada em nós, simboliza qualquer espécie de **vínculo** e possui virtudes secretas ou mágicas. (Dicionário de Símbolos, p. 285).

Na essência do Círio o simbolismo ascensional é nítido, onde se ver pessoas numa força sobre-humana, numa disputa por um pedaço da corda, e não se trata de uma corda comum para eles, mas um símbolo de ascensão.

⁷ Círio de Nazaré 2019 – Por G1 Belém. 23/09/2019 12h00. Atualizado há 11 horas. Corda do Círio pode ser visitada no Centro Social de Nazaré, em Belém. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2018/noticia/2019/09/23/centro-social-de-nazare-abre-visitacao-da-corda-do-cirio-em-belem.ghtml> – Acesso em 23/09/2019.

A corda é símbolo de ligação, é representação da fé de um povo que se faz presente pela sua resistência, em manter viva sua devoção, vivendo no contexto da religiosidade popular paraense, expressando sua ligação com à Santa de Nazaré.

No dicionário de símbolos: “A corda é representada também, muitas vezes, entre as mãos da Fortuna, que pode pôr termo a uma vida, cortando o fio da existência segundo os seus caprichos.” (Dicionário de Símbolos, p. 286).

De modo que, cortar a corda no decorrer da procissão, simboliza cortar o fio de conexão com o sagrado, fazendo com que o símbolo que liga à Santa de Nazaré aos devotos chegue ao fim pelo seu rompimento.

Sendo o Círio um elemento vertical, e a corda um elemento horizontal, denominado símbolo de ligação, encontra-se um outro símbolo ascensional, que é a cruz, símbolo de ligação do sagrado com o terreno, do transcendental com o humano:

No Corão, a corda é, igualmente, um símbolo ascensional, lembrando a corda do xamã ou do hindu, que serve para escalar os céus. *Eles possuem, acaso, a realeza dos céus, da terra, e aquilo que fica no meio? Que subam, então, ao céu com cordas! (18. 10; 22. 15; 40. 34).* Mas que derrição querer alguém lançar uma corda para o ar! Há nas palavras do Profeta sobre a corda como que um desafio cheio de ironia. As cordas celestes só podem vir do próprio céu e não subir por si mesmas da terra, apesar de todos os esforços dos homens. Ou, em outras palavras, a ascensão celeste só é possível pela graça. (Dicionário de Símbolos, p. 286).

A corda constitui-se símbolo de várias tradições religiosas e povos diversos. Na presente citação encontra-se referência aos mulçumanos, hindus, xamãs e cristãos. Assim, como a corda corresponde a tais tradições, o Círio é representado por grupos diversos.

O Círio não é caracterizado apenas pela presença de 2,5 milhões de pessoas reunidas; a sua grandiosidade corresponde sem dúvida à sua grande representação cultural, religiosa e simbólica.

Em setembro de 2004, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), reconheceu dignamente o Círio, como Patrimônio Cultural de natureza Imaterial, não apenas pela Imagem da Santa de Nazaré, mas pelo simbolismo da corda.

A corda vem se tornando cada vez mais disputada pelos devotos, e a cada ano sua simbologia transcende nossas fronteiras, chamando a atenção de estrangeiros de vários países para as festividades alusivas ao Círio.

Muitos deles tentam levar consigo ainda que uma minúscula parte da corda, que tem se configurado como símbolo do sagrado nas ruas de Belém, todos os anos, e retornam em anos posteriores para uma nova experiência com o sagrado paraense.

Será que a corda utilizada no Círio não esteja caminhando para uma condição de relíquia? E se isso acontecer, qual seria a posição do Vaticano quanto ao seu reconhecimento e credenciamento?

1.3. A corda como símbolo de ligação na religiosidade popular paraense:

O povo paraense é de uma grandiosidade e percepção sem precedentes, e que tem mantido suas tradições na religiosidade popular, sofrendo coletivamente, demonstrando sua devoção, atraindo anualmente participantes de vários lugares para suas festividades.

Quando empreendemos investigar sobre o simbolismo da corda, na tentativa de descobrir se, efetivamente, podemos considerá-la como símbolo de ligação, nos deparamos com fatos que comprovam em tese nossa inquietação.

O povo paraense tem demonstrado em suas práticas espirituais, a força existente na religiosidade popular, que Brandão denomina de *cultura popular*, descrevendo a melhor forma de compreensão desse termo:

Talvez a melhor maneira de se compreender a *cultura popular* seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais que em outros setores de produção de modos sociais da vida e de seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o *domínio* erudito dos dominantes e o *domínio* popular dos subalternos. Talvez a melhor maneira de se estudar a religião seja não descrever nenhuma delas, ou descrevê-las todas ao mesmo tempo, o que é mais ou menos a mesma coisa. Afinal, após tantos estudos sobre o assunto, é lícito desconfiar que a menor unidade social do sagrado pode não ser uma igreja ou uma confissão; mas, antes, o campo definido pelas trocas políticas entre religiões e unidades religiosas. (BRANDÃO, Os Deuses do Povo, p. 19).

Compreender o Círio, em parte, é perceber às trocas existentes entre suas unidades constituintes. De um lado, o poder clerical, do outro, a estrutura política, e ainda o poder que emana do povo, a *cultura popular* expressa em sua religiosidade.

Diante dessas estruturas, maiores e menores, às trocas simbólicas são realizadas, mesmo que a conta-gotas, prevalecendo o predomínio dos mais fortes, muitas vezes.

Portanto, no Círio, *a introdução da corda constituiu-se num símbolo de ligação que foge do controle estatal e dos clérigos? Ou representa um símbolo de religiosidade do povo paraense em geral?*

Entretanto, se quisermos compreender melhor a cultura popular, devemos nos debruçar sobre sua vivência religiosa que foi construída pelos “enfrentamentos profanos e sagrados entre o *domínio* erudito dos dominantes e o *domínio* popular dos subalternos”.

E assim, poderemos perceber os pormenores desses processos de construção simbólica, que tem se consolidado com o passar do tempo, tendo a corda como elemento simbólico no contexto religioso paraense, de modo que:

Os elementos culturais que iluminam as tensões dentro do catolicismo, salvo raras exceções, as análises ainda desembocam na questão “*classes dominantes* versus *classes subalternas*”. Brandão (1986), deslocando sua análise de um universo macro-sociológico de relações entre a classe dominante e a classe dominada, pôde perceber as relações entre a cultura e a Religião eruditas e a cultura e a Religião populares. Apresentou, desta forma, a Religião popular como uma forma de resistência das classes subalternas, desembocando a questão na micro-política dos diversos grupos que lutam pela possibilidade de representação nas relações sociais na cidade de Itapira, SP. Fato que gera conflitos verticais (interclasses) e horizontais (dentro da própria classe subalterna)⁸. (REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 3 / 2003 / p. 35).

Corroborando com o que Brandão referenciou acima sobre a distinção entre sagrado e profano, que no contexto do Círio eles convergem, e trazem um entendimento diferenciado das classes dominantes.

Na primeira menção ele fala sobre “o *domínio* erudito dos dominantes e o *domínio* popular dos subalternos”, na segunda relata sobre as “*classes dominantes* versus *classes subalternas*”. Brandão (1986), e os elementos que iluminam tais tensões.

Brandão (1986) se utiliza de termos próximos e compreendidos por grupos distintos, de modo a se perceber que os interesses são nítidos e continuarão sendo, desde que haja a possibilidade de contínua devoção e interesses desses grupos que se tencionam sempre.

A corda representa muito dessas tensões desde seu início, quando introduzida de modo não convencional para os poderes políticos e eclesiásticos, no entanto, Brandão faz menção dessas tensões que sempre existiram e continuarão existindo:

Outra importante conclusão do estudo de Brandão é que a Religião não serve apenas para a manutenção das estruturas sociais de dominância. Como o autor bem identificou nos vários casos que apresentou, a Religião é o lugar da contestação da ordem estabelecida. Ele explica que os serviços entre a Religião e o poder secular *têm a ver com os projetos de hegemonia erudita dos dominantes*. [Mas, também]

⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues⁶. Uma das críticas mais contundentes aos trabalhos como o de Brandão chama a atenção para a sua visão essencialista da tradição enquanto fonte de resistência do rural (passado) frente ao urbano (presente). Para maiores detalhes remetemos o leitor para o ensaio bibliográfico de Paula Montero (1999, p. 332-338).

têm a ver com as estratégias de autonomia e resistência política e cultural dos subalternos. Têm a ver com as lutas de interesses profanos e, também, com as esperanças de reconhecimento e salvação de sujeitos e grupos internos a todas as classes sociais. (REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 3 / 2003 / p. 36).

O Círio demonstra bem essa quebra de hegemonia, fazendo-se perceber o que Brandão (1986) diz a respeito da Religião, como sendo o lugar da contestação da ordem estabelecida, tendo a corda como ponto de tensão entre esses poderes.

A corda representa muito mais que a participação anual nas procissões, a exemplo da última realizada em 2018, com duração recorde de 4 horas e 52 minutos, sendo o menor tempo de realização nas procissões desde seu início em 1793.

Pois, em edições anteriores, dentre elas, houve outras com tempos difíceis e exaustivos, por exemplo, nas de 1996 a 1999:

No ano de 1996, a Diretoria manteve a decisão de juntar à berlinda à corda no local definido no ano anterior, mas apesar de todos os esforços da Diretoria da Festa, o Círio só chegou à Basílica de Nazaré às 13h:45m. No ano seguinte, os problemas foram tamanhos que a berlinda chegou muito antes – horas – da corda. Já no ano de 1998, corda e berlinda se separaram à altura da Praça “Pedro Teixeira”. No Círio de 1999, a *amarração* da corda dá lugar ao atrelamento à berlinda através de argolas metálicas. (p. 88)⁹.

Os problemas que surgem no contexto do Círio podem ser considerados “normais”, por se tratar de uma festividade de grande porte, que mesmo possuindo uma estrutura gigantesca, imprime a condição de que problemas de ordem de execução aconteçam.

Mas que o passar do tempo trouxe consigo às experiências e os ajustes necessários para o bom andamento do percurso realizado nas procissões, como a introdução das argolas metálicas de duralumínio no ano de 1999.

O que facilitou os imprevistos nas procissões, evitando que a berlinda e a corda seguissem em momentos divergentes, quebrando a harmonia entre ambos os símbolos, permitindo assim, uma melhor dinâmica no percurso.

As mudanças que vêm sendo realizadas, buscam melhorar a dinâmica das festividades, mas é preciso levar em consideração que, apesar de todo esforço realizado pela Arquidiocese, Diretoria da Festa, a Guarda da Santa de Nazaré, todos trabalham em condições humanas.

⁹ Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História de Ivone Maria Xavier de Amorim Correa, área de concentração História Social, sob orientação da professora Doutora Heloisa de Faria. Tendo como título: CÍRIO DE NAZARÉ: A festa da Fé e suas (re) significações culturais – 1970-2008. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12638> – Acesso em 08/09/2019.

Ainda em 2000, confirmou-se o Círio mais longo de toda a história das festividades, por problemas relacionados a corda e a condução da berlinda, o tempo estimado, porém, não programado foi de 15h:45m:

O Círio mais demorado de todos os tempos foi o de 2000, quando a imagem da Virgem de Nazaré chegou à basílica às 15:45h. A *corda* ficou atrelada à *berlinda* o tempo todo, tanto na *trasladação* como no Círio. No mesmo ano, o *carro do Plácido* foi incorporado à procissão, como forma de homenagear o caboclo que encontrou a imagem. Atualmente, a *berlinda* leva cerca de cinco horas para chegar à praça Santuário. A procissão principal do Círio de Nazaré começa por volta de 7 horas da manhã de domingo. Segundo estatísticas oficiais, cerca de um milhão e meio de pessoas saem às ruas para acompanhar, rezar, aplaudir e pagar promessas. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 63-64).

A popularidade do Círio vem aumentando a cada ano, pois de 2000 para 2018, houve um aumento de mais de um milhão de participantes. O Círio toma as ruas de Belém a ponto de não haver lugar para outra realidade, a não ser às homenagens a Santa de Nazaré.

No entanto, *esteve a corda desde de sempre no coração do povo paraense, antes da introdução da corda física? Foi ela acessada num tempo mítico, mesmo que pertencente ao inconsciente coletivo daquele povo em tempos remotos?*

Os participantes dos primeiros Círios, entre 1793 a 1855, ou seja, nos 62 anos sem o uso de uma corda física, *pensavam numa corda invisível como símbolo? Quais elementos sagrados surgiram no Círio antes da introdução da corda?*

Vejamos o relato posto pelo dicionário de símbolos quanto ao aspecto simbólico feminino da mulher. *Teria a corda esse poder simbólico no contexto do Círio, como na tradição védica?*

A corda do arco simboliza, na tradição védica, a força que confere ao arco sua eficácia. Mas essa força é invisível e de natureza quase imaterial. Ela não provém nem do peso, nem da duração, nem de uma ponta acerada. Ela é como que **feminina**. Ela vem de uma tensão: *Ei-la que se aproxima da orelha como se fosse falar, beijando seu querido amante, é a Corda: esticada no arco, ela vibra como uma donzela, salvadora, na batalha.* (Rig-Veda, 6, 75). (Dicionário de Símbolos, p. 285).

Encontramos aqui vários símbolos comparativos às festividades do Círio, diretamente ligados ao símbolo feminino. A *corda* é feminina, a *força* é feminina, a *donzela* é feminina, demonstrando a feminilidade da mulher em contato direto com a corda.

Outros aspectos relevantes são às imbricações entre símbolos míticos, literatura judaico cristã e símbolos amazonenses: a *mulher*, a *cobra*, as *águas amazonenses*, a *corda*, a *chuva*, a *força religiosa* paraense.

Todos esses fazendo menção aos aspectos míticos e regionais, todos sendo representados no contexto da historicidade, vivência e na religiosidade popular paraense, atrelados a devoção e história mítica do início da vivência humana.

O próprio cordão umbilical é um símbolo de ligação entre a mãe e o seu bebê. A *mulher*, a *donzela* e a *corda* constituem-se uma *tríplice simbologia* que está diretamente atrelada ao Círio.

Assim, também, a *mulher*, a *cobra*, as *águas amazonenses*, a *corda*, a *chuva*, a *força religiosa*, fazem parte de um conjunto de símbolos imbricados na cultura e religiosidade popular paraense.

E numa simbologia ainda maior, os participantes do Círio constituem-se filhos da Santa de Nazaré por intermédio da corda, ou seja, um cordão umbilical simbólico e espiritual, que vem sendo resignificado todos os anos.

A força que é invisível e de natureza quase imaterial, referindo-se à tradição védica, serve de símbolo, podendo ser mencionado e mesmo reportado aos primeiros Círios como forma simbólica de natureza imaterial.

Talvez não tenha sido intenção na ocasião do primeiro Círio, uma expressividade da religião popular do povo paraense como hoje, tendo em vista que em sua primeira edição, o público presente era bem distinto do atual.

Na época o público não possuía uma corda física, talvez existisse uma corda invisível e de natureza quase imaterial, somente expressa pelos devotos de forma simbólica, mas a grandiosidade do povo paraense já existia.

Vejamos como se deu e quais os primeiros participantes do Círio em 1793, e por quais razões o Círio fora colocado nas ruas de Belém:

Em junho de 1793, pouco antes da feira, o presidente da província adoeceu e fez uma promessa: se recuperasse a saúde e pudesse inaugurar a grande feira, levaria a imagem até o palácio do governo e, de lá, esta seria conduzida, em procissão, de volta, à igreja. Sousa Coutinho se recuperou e, em 08 de setembro de 1793, cumpriu a promessa feita. O primeiro Círio foi acompanhado por quase dois mil soldados, além da população civil de Belém e do interior da província. Participaram ainda do cortejo, além do presidente da província, os vereadores da Câmara e o vigário geral, substituindo o bispo, que viajara para Portugal. À frente, desfilava um esquadrão de cavalaria com seus clarins, anunciando ao povo a aproximação do cortejo. Ao centro, fidalgos a cavalo formavam alas, entre as quais desfilavam as

grandes damas locais, sentadas nas almofadas de seus palanquins. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 15).

Diferentemente do que são constituídos os Círios atuais, onde o povo está distante da pompa daquela época, o Círio quando se tornou popular em nada perdeu suas características, pois, o que difere, é que hoje está posto como religião popular.

Apesar da presença maciça do poder clerical, o Círio tem sua popularidade na presença marcante do povo paraense. Daqueles que o representam em sua forma mais simples, sutil e característica de uma manifestação religiosa e de uma cultura popular.

O tempo passou e um distanciamento ocorreu entre os devotos, quanto à berlinda e a corda, sendo a primeira questão nazarena conforme referência oficial das festividades do Círio e da Festa de Nazaré:

A partir de então, a irmandade começou a perder o poder de decisão que tinha sobre a organização do Círio. Uma das consequências desse declínio foi um crescente distanciamento espacial entre o povo e a imagem da santa durante a procissão, devido ao gradual aparato “disciplinador” que marca a romaria nos dias de hoje (*diretoria da festa*, em 1910 e *guarda da santa*, criada em 1974, por exemplo). A ação centralizadora do prelado paraense fazia parte do processo conhecido como *romanização*, que marcou, a partir de meados do século XIX, as relações entre Igreja e Estado, bem como entre a Igreja e adeptos do catolicismo popular. O objetivo era sintonizar a Igreja brasileira com as diretrizes da Santa Sé, situada em Roma, daí o termo *romanização*¹⁰. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 22-23).

A Irmandade de Nazaré foi a responsável por reconhecer a corda como símbolo sacralizado, antes mesmo da instituição oficial católica, treze anos depois de sua introdução no Círio. No entanto, *quando houve sua sacralização oficialmente?*

Portanto, aqui podemos responder à pergunta disposta na página 15. *Quando a corda se tornou símbolo de sacralidade no Círio de Nazaré?* Em tese, quando foi atrelada pela primeira vez à berlinda, por ocasião da enchente.

De modo que, do caos surgiu a resposta, e da diversidade, uma ligação com o sagrado, tendo a corda como símbolo de ligação, *mesmo que consolidado nesses termos muito tempo depois?* É o que se pretende descobrir!

A irmandade sofreu sanções e seu descredenciamento na organização das festividades, porém, num episódio citado nas (páginas 21-22), percebe-se que alguns devotos tiveram participação ativa contra as diretrizes do clero.

¹⁰ Nota 19. Cf. A boa nova, Belém, 17/11/1874, p. 4. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

Os mesmos que foram de encontro ao poder clerical, numa época diferente, onde o Arcebispo Dom Irineu, não fazia parte do contexto eclesiástico das festividades do Círio, agiram contrariamente, recebendo retaliações.

O povo paraense vem mantendo uma tradição religiosa, e arriscando a própria integridade física, para se manterem no contexto da religiosidade popular, numa fé individual e coletiva.

Em 1901, o Bispo Dom Francisco do Rêgo Maia fixou o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio, e após vinte e quatro anos, surge no contexto eclesial o Arcebispo Dom Irineu e suas interdições.

O Arcebispo Dom Irineu, agora no contexto, e convicto de suas atribuições, resolveu interditar por quatro anos consecutivos o uso da corda nos Círios, alegando estar fazendo reformas necessárias.

As argumentações eclesiais acerca da corda, e se deveria permanecer ou não no contexto do Círio, repercute desde a década de 1930, buscando suprimir a corda como elemento sacralizado para o povo paraense:

As primeiras tentativas de supressão da *corda* ocorreram no âmbito de uma espécie de segunda *questão nazarena*¹¹, entre 1926-1930, e estavam relacionadas à separação entre a Igreja e o Estado e ao período de transição entre a Velha e a Nova República. O episódio estava ligado aos esforços romanizadores de Dom Irineu Joffily (que ocupou o arcebispado do Pará entre 1925-1931), o qual, alegando normas emanadas da Sagrada Congregação dos Ritos, introduziu uma série de mudanças no Círio de Nazaré, visando a transformá-lo numa procissão devota, com a participação ordenada de associações religiosas, orações e cânticos pios. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 24).

Observa-se uma tentativa de romanização do Círio, alegando-se ordens expressas para institucionalizar as festividades, num esforço de abolir os aspectos profanos do contexto religioso, aspectos percebidos assim, pelos clérigos.

A corda seria um desses aspectos simbólicos, que a população paraense escolheu para ser seu, como forma de expressão de sua devoção e religiosidade popular. Embora, tais tentativas fossem estabelecidas pelo clero, o povo paraense resistiu e venceu.

Com as constantes ameaças, o povo se fortaleceu, e não se deixou vencer pelas interdições, escolhendo ter a corda como seu símbolo de ligação, e numa fé inabalável o consolidou como sagrado.

¹¹ Cf. O PRIMEIRO CONFLITO: A QUESTÃO NAZARENA. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 22).

Os paraenses também dispõem de vários elementos simbólicos e regionais dos quais existe uma lenda acerca da cobra-grande, que simbolicamente, em tese é percebida pelo simbolismo da corda em movimento.

A corda também é referida no dicionário de símbolos, quando mencionada numa lenda que possui elementos significativos na história narrada, relacionando a corda, a mulher e o cordoeiro como homem trabalhador:

A lenda grega fala de um cordoeiro, Ocnos, *personagem simbólico*, que era presenteado nos Infernos, ocupado em tecer uma corda que uma jumenta* ia comendo à medida que ficava pronta. Tal símbolo era interpretado correntemente como significando que Ocnos era um homem trabalhador, que desposara uma mulher gastadeira (GRID, 322 a). Como, por outro lado, a corda simboliza o castigo de Nêmesis, é lícito perguntar se a corda de Ocnos, incessantemente tecida por ele e devorada por sua mulher, não simboliza o **castigo perpétuo** infligido a um casal malvado. (Dicionário de Símbolos, pp. 285-286).

Uma relação relevante existe nesta citação com o contexto do Círio, pois, assim como a jumenta devorava a corda ao mesmo tempo de sua constituição, nas procissões, a corda é repartida entre os devotos, significando sua simbologia de partilha.

O Círio é repleto de especificidades, de vivências onde pessoas se encontram para pagar suas promessas, reviver momentos passados, resignificando sua fé, devoção e religiosidade.

2. BREVE ANÁLISE DE FOTOS: A CORDA EM MOVIMENTO: CONFECCÃO, USO E APROPRIAÇÕES

Selecionamos alguns registros fotográficos para uma breve análise descritiva, como forma de visualizar momentos específicos do Círio, em seu contexto, nos dias que antecedem e no próprio dia da procissão.

A partir daí, poderemos perceber a dimensão, pelas imagens, daquilo que imaginamos ser a maior manifestação religiosa em território norte-amazonense.

Existente há mais de dois séculos, proporcionando uma vivência religiosa e atmosfera espiritual, expressões de religiosidade popular paraense e simbolismo exclusivo.

A corda como objeto de estudo deste trabalho em tese possui uma sacralidade para os devotos, desde sua confecção, considerada sagrada, sendo usada no momento em que mais de dois milhões de pessoas se reúnem para pagar os seus votos.

O Círio possui essa condição de reunir pessoas de várias cidades, e além-fronteiras. A corda vem desenvolvendo uma função religiosa na devoção das pessoas, e traz consigo um simbolismo específico para o povo paraense.

Para alguns o corte da corda vai além de ter um pequeno pedaço como lembrança do evento, levando em consideração sua simbologia, *estaria caminhando para a condição de “Relíquia”?*

A corda enquanto objeto comum pode ser utilizado em qualquer contexto, no entanto, no Círio, ganha movimentos pelas mãos dos devotos, e além de seu simbolismo, pode tornar-se uma “Relíquia” num grau menor.

Registro Fotográfico 1:

A corda que será utilizada nas procissões de 2019, antes de ser atrelada à berlinda; passará por inspeção e ficará exposta para visitação no Centro Social de Nazaré. O público poderá tocar numa parte da corda oficial no Espaço Memória de Nazaré, que fica ao lado da Basílica Santuário. As visitas poderão ser realizadas de segunda a quinta-feira, de 9h às 12h e de 14h às 18h. Para os sábados, domingos e feriados, a visita deverá ser agendada.



Fonte da Foto: Álvaro Ribeiro, TV Liberal. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/corda-do-cirio-passara-por-inspecao-neste-sabado.ghtml> – Acesso em 23/09/2019.

Análise Descritiva:

O painel como pano de fundo, reflete a devoção do povo paraense numa edição de um Círio anterior.

A corda encontra-se no Espaço Memória de Nazaré, e aos participantes é concedida a oportunidade de visitação antes das festividades.

Em tapete vermelho a corda dividida em dez partes, onde será atrelada por junções de duralumínio em estações específicas, sendo utilizadas nas duas procissões.

O espaço foi criado para um contato prévio dos devotos com a corda, objeto “sacralizado” dos paraenses, que pode ser visto em sua forma original, seguindo depois pelas ruas da cidade, em cortejo pelas mãos dos devotos.

O trajeto antes da procissão é realizado sob forte escolta para que não haja danos as cordas que serão utilizadas nas festividades em homenagem à Santa de Nazaré.

Registro Fotográfico 2:

A berlinda ornamentada para dois momentos específicos das festividades do Círio: a procissão do sábado à noite, denominada de Trasladação, que faz referência ao trajeto em si, como também das várias vezes que a imagem da Santa de Nazaré era transferida de um lugar para outro, e retornava para o local onde fora encontrada pela primeira vez.



Fonte da Foto: Oswaldo (O Liberal). Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2015/noticia/2015/10/flores-da-berlinda-realam-delicadeza-da-imagem-da-irmem-de-nazare.html> – Acesso em 24/09/2019.

Análise Descritiva:

A berlinda é preparada com um cuidado especial, pois, será alvo dos olhos e corações dos devotos. Todo ano tem sua preparação antes das festividades, por meio de retoques e reparos necessários.

As flores naturais utilizadas na berlinda têm durabilidade de doze horas, de modo que, tanto a procissão da Trasladação e do Círio, precisam de tempos ajustados em seus percursos, para que as flores não percam sua função e beleza.

A passagem da berlinda pelas ruas da cidade, constitui-se como vemos, o ápice do Círio no domingo pela manhã, e sua presença certifica a devoção do povo paraense.

A multidão acompanha a berlinda, enquanto uns seguram na corda conduzindo-a, em prática devocional, outros se encantam com a beleza de sua ornamentação, e pagam seus votos à Santa de Nazaré.

Registro Fotográfico 3:

As ruas de Belém sem espaço para uma caminhada comum, os mais de 2,5 milhões de pessoas em 2018 lotaram cada canto, para expressar sua devoção. O Círio representando para seus participantes uma condição peculiar em contato com o sagrado. A Santa de Nazaré que protege o povo paraense, protegida pela Guarda, os vários voluntários exercem sua fé e devoção nos dias do Círio, especificamente na manhã do domingo.



Fonte da Foto: Disponível em: <https://rondoniadinamica.com/arquivo/milhares-de-pessoas-acompanham-o-cirio-de-nazare-no-para.34241.shtml> – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

A corda quase imperceptível, sendo segurada pela multidão. Na parte mais central, podemos perceber a Guarda de Nazaré fazendo a segurança da berlinda.

Os devotos, visitantes e turistas, num rio de gente e num mar de fé, uma multidão de pessoas expressando na maior manifestação religiosa, suas práticas de fé e devoção.

A foto demonstra a potencialidade existente na cultura e religião popular. O rio de gente e o mar de fé que transborda pelas ruas da cidade, mostra nitidamente o que fé e devoção coletiva é capaz de realizar.

Um grande terço humano pode ser visto, em destaque na multidão. A Guarda da Santa de Nazaré e os voluntários fazem ao que observa a imagem, perceber que a cultura e a religião popular paraense é contagiante e simbólica.

A procissão do Círio com suas peculiaridades, seus movimentos semelhantes ao rio que nasce tímido, vai tomando forma, até chegar a movimentos semelhantes ao mar. O Círio é descrito como sendo um rio de gente e um mar de fé.

Registro Fotográfico 4:

Visão numa perspectiva aérea da multidão de pessoas, que se reúnem numa devoção coletiva, demonstrando a força existente na religiosidade popular paraense. Reunião de sentimentos profundos, que o Círio proporciona todos os anos.



Fonte da Foto: Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/cirio-de-nazare-registra-cerca-de-40-horas-de-procissoes-em-2017.ghtml> – Acesso em 23/09/2019.

Análise Descritiva:

A praça de observamos no lado esquerdo inferior é a praça Santuário, onde é programado o atrelamento da corda a berlinda. A grande maioria das pessoas presentes na procissão do Círio estão aí desde a madrugada.

Os espaços que podem ser vistos como livre, na verdade já estava tomado antes do atrelamento. Percebe-se que as pessoas caminham para as ruas de Belém, seguindo o cortejo. Milhares de devotos exercendo sua devoção a Santa de Nazaré.

Entretanto, encontramos uma concentração de pessoas, naquilo que podemos ver, sendo a maior concentração humana em torno de uma devoção, lembrando que aquilo que se ver hoje, surgiu de uma desprestigiada feira agrícola e extrativista.

O povo paraense é povo forte, guerreiro, que luta pela permanência de suas tradições, embora que, durante muito tempo, percebida culturalmente como forma incômoda de devoção, porém, resistem, persistem e tem vencido.

Registro Fotográfico 5:

O momento em que os participantes erguem a corda em sinal de veneração, expressando gritos de louvor e agradecimentos por motivos diversos, que o foro íntimo não nos permite saber, quanto a fé, e a devoção levados ao grau máximo. A corda como símbolo de ligação dos devotos à Santa de Nazaré, em momentos de grande alegria e emoção.



Fonte da Foto: Disponível em: <https://cirios.com.br/nao-corte-a-corda/> – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

Observamos nesta foto, a participação dos devotos, sua condição de transcendência, o anseio pelo contato com o sagrado. A corda como símbolo de ligação, proporcionada pela procissão do Círio.

O momento específico mostrado na foto, acontece no decorrer da procissão. O levantar da corda acontece em estações programadas. Os animadores das festividades incentivam aos participantes no momento dessas paradas, a expressarem sua devoção.

Nesse intervalo de tempo, os participantes, expressam cânticos, orações, fazem suas homenagens à Santa de Nazaré. Apesar do peso da corda, a impressão é que está erguida como forma ascensional de veneração.

A força devocional do povo paraense e dos demais que vão para a corda, pode ser vista pelo esforço sobre-humano. A promessa foi feita, a graça alcançada, e agora, a hora de cumprir com a outra parte do contrato sagrado.

Ao final da procissão um pedaço da corda, poderá ou não estar em definitivo nas mãos dos promesseiros. A persistência e a força posta à prova, reflete desde o primeiro momento um símbolo de ligação.

Registro Fotográfico 6:

Esta é a foto que escolhemos para representar este trabalho, pois, não haveria ângulo melhor para demonstrar o símbolo de nossa temática: *a corda como símbolo de ligação na religiosidade popular paraense*. Mãos, corpos e corações interligados ao símbolo escolhido pelo povo paraense para representar sua devoção, mesmo que esta seja externada pela comoção, dor e sofrimento no trajeto doloroso do Círio.



Fonte da Foto: Disponível em:

https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2013/12/05/interna_brasil.477777/procissao-do-cirio-de-nazare-e-declarado-patrimonio-cultural-pela-unesco.shtml – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

A linearidade da corda nesta foto é incrível. O foco desde seu início é de arrepiar. Observamos os participantes em sua luta por conquistas estabelecidas, mas também o esforço por aquilo que acordaram com à Santa de Nazaré.

O que liga essas pessoas é mais do que uma simples participação numa procissão, que pertence a cultura popular paraense existente por mais de dois séculos. O que liga os devotos é o sentimento de pertencimento pelas práticas devocionais.

Numa rua qualquer de Belém, encontramos em meio à multidão, em comparação aos mais de 2,5 milhões de pessoas, um grupo pequeno segurando a corda do Círio, não sabendo a história de vida e as promessas feitas.

A foto nos mostra vários participantes, cada qual com sua representatividade do sagrado, e seus votos à Santa de Nazaré sendo concretizados, demonstrados assim, na procissão as partes que se misturam, nas lágrimas, no suor e na fé dos devotos.

Registro Fotográfico 7:

Esta foto pode ser descrita como forma simbólica de uma ligação individual e mesmo coletiva, pois, observando um dos devotos, encontramos uma miniatura de uma corda também sagrada para eles: o terço na mão do fiel é parte constitutiva de uma devoção também coletiva, sentimentos que se misturam durante toda a procissão do Círio.



Fonte da Foto: Disponível em: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2013/08/cirio-de-nazare-em-macapa-vai-ter-corda-de-300-metros.html> – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

Num foco delimitado a representação dos devotos nesta foto demonstra a união de corpos, alma e coração. E que apesar da disputa por um pedaço da corda no final da procissão, no percurso ela representa uma simbologia coletiva.

Personagens diferentes, histórias de vida diferentes, mas um único propósito, percorrer as ruas de Belém, celebrar em coletividade, pagar suas promessas, homenagear à Santa de Nazaré.

Durante todo o ano, de um Círio a outro, os promesseiros buscam viver na esperança de que suas petições serão atendidas, suas graças alcançadas, e mesmo sabendo que será o mesmo trajeto percorrido, com dificuldades, lutas e dores, estão dispostos.

Numa perspectiva simbólica, esperada durante um espaço de tempo de um ano, entre um Círio e outro, mas que representa a possibilidade de agradecer e havendo condições ter consigo uma parte da corda, tão almejada pelos devotos, visitantes e turistas.

Registro Fotográfico 8:

O momento mais esperado por àqueles que conseguem chegar ao término da procissão do Círio, saindo dali com uma recompensa tão dura de ser conquistada, e equivalente ao prêmio no final de uma competição. A retirada da corda relatada anteriormente também está expressa nessa foto, pois, os participantes levam consigo materiais pontiagudos, o que pode gerar acidentes indesejáveis, além da quebra do vínculo, se cortada.



Fonte da Foto: Disponível em: <http://portalparamazonia.blogspot.com/2017/09/descubra-o-significado-da-corda-no.html> – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

O valor da recompensa, após várias horas de muito esforço no Círio, o que representa uma jornada de horas de fé e devoção. Compreende-se que não são apenas cinco horas ou mais de percurso.

Os minutos, as horas, os dias, os meses, os momentos que antecedem o Círio, seria vago fazer menção dos sentimentos que essas pessoas contidas na foto, estejam expressando no momento do registro.

O valor que um pedaço de corda para uma pessoa, pode até ser considerado comum, mas o que significa para um participante, para um devoto do Círio, é algo incompreensível.

As mãos tocando a corda que fora tocada no mesmo lugar por tantas vezes durante a procissão, as múltiplas impressões digitais que foram sendo configuradas pelo percurso realizado, agora levada para casa com as marcas da devoção coletiva.

Registro Fotográfico 9:

A representação da dor e do sacrifício de Vivian, uma mãe que há mais de uma década faz o percurso de 3,6 quilômetros de joelhos como forma de devoção, fé e gratidão. O percurso realizado por ela seria equivalente a 30 quilômetros de caminhada, devido sua dificuldade e energia gasta, pois, enquanto a multidão fez em 4 horas e 52 minutos, na edição de 2018 (o mais rápido da história do Círio), ela precisa de muitas horas.



Fonte da Foto: Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 23/08/2019.

Análise Descritiva:

A palavra-chave demonstrada nessa foto é solidariedade! Observamos voluntários que se unem para o auxílio dos devotos em cumprimento as suas promessas no Círio. Dentre muitas pessoas que escolhem fazer o percurso, uns fazem de joelhos.

A pessoa em destaque, demonstra bastante cansaço, mas resistente em sua fé e devoção, buscando superar o duro percurso, que aos participantes em contato com a corda, constitui-se num trajeto doloroso, imaginemos nessa condição.

Nas mãos leva consigo uma pequena parte da corda, nos joelhos a força e a determinação. Assim, vem fazendo há mais de uma década. A filha fora curada e desde então, todos os anos, ela faz o percurso como forma de gratidão, fé e devoção.

Registro Fotográfico 10:

O cartaz exposto fez parte da campanha “**não corte a corda**”, no ano de 2013, lançada numa sexta-feira que antecedeu o Círio daquele ano, levando a conscientizar os devotos, para não cortar a corda. A Campanha foi uma iniciativa da Arquidiocese, Diretoria da Festa, onde propuseram que a corda não fosse rompida antes da belíssima procissão da Santa de Nazaré, pelas ruas de Belém, e que chegasse ao fim, intacta como no princípio da procissão do Círio.



Fonte da Foto: Disponível em: <http://blogdovinciusleal.blogspot.com/2013/10/nao-corte-corda-cirio-de-nazare-2013.html> – Acesso em 23/09/2019.

Análise Descritiva:

A campanha “**não corte a corda**” teve aceitação pelo povo, por àqueles que desejam uma pequena parte da corda, como lembrança de sua participação no Círio, no entanto, devem respeitar a condição do outro, de participar de modo semelhante.

O subtema da campanha relembra a possibilidade do cumprimento das promessas realizadas pelos devotos, mas exerce uma condição, a que todos possam pagar seus votos, sem a quebra do símbolo de ligação com a Santa de Nazaré.

A mensagem é clara: “**pague a sua promessa sem cortar a promessa dos outros**”, ou seja, estamos aqui com o mesmo propósito, conseguir levar adiante nossa devoção, dentre a multidão que possui o mesmo sentimento de pertencimento.

A imagem da corda bem representada, se destaca pelo nome da campanha no centro da foto, como que mãos segurando a corda, e o local do corte, tendo o nome da campanha de advertência.

2.1. Campanhas para a permanência da corda até o término da procissão:

Os participantes do Círio, denominados devotos e promesseiros, além dos visitantes e turistas, presentes na procissão do domingo – querem retornar para casa com uma parte simbólica de seu esforço e persistência, se possível.

Mesmo que pequeno, levar consigo um pedaço da corda, de certa forma constitui-se numa condição de estar ligado com o sagrado, até o seu retorno ao próximo Círio, mas nem sempre conseguem.

A corda é disputada em todo tempo, portanto, não é um processo fácil adquiri-la. No percurso é requerido dos participantes persistência e um esforço tamanho, além da possibilidade de a corda ser rompida no decorrer da procissão.

Quando acontece o rompimento da corda, de certa forma ocorre uma quebra do simbolismo que ela representa para o povo paraense, e as campanhas lançadas não impedem o corte da mesma.

A corda possuindo quatrocentos metros, em meio à multidão, é vista como minúscula, pois, as mãos que as tocam durante todo o percurso, não necessariamente, as levará consigo para casa.

Estima-se que aproximadamente 8 mil pessoas tiveram contato direto com a corda, na procissão do domingo pela manhã no Círio em 2016¹². Diferentemente no que se referiu a primeira procissão com a introdução da corda em 1855.

Numa projeção matemática: $(400 \div 8.000 = 20)$ quatrocentos metros da corda, divididos pelas 8 mil pessoas que tiveram contato na procissão, teríamos somente para estas, um minúsculo pedaço de 20 centímetros da corda.

No ano de 2018, o Círio teve a participação direta de 2,5 milhões de participantes, embora que para as duas procissões sejam oitocentos metros de corda, mesmo assim, não contemplaria a todos.

A procissão noturna, denominada de Trasladação é detentora de uma corda de 400 metros também, mas, mesmo que houvesse a junção das duas cordas, seria impossível que todos os participantes obtivessem um pedaço dela.

¹² Cordas de 600kg serão carregadas por quase 8 mil pessoas no Círio 2016. Corda puxa a berlinda que leva imagem de Nossa Senhora nas procissões. Símbolo de fé está presente na Trasladação e no dia do Círio. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2016/noticia/2016/10/cordas-de-600kg-serao-carregadas-por-quase-8-mil-pessoas-no-cirio-2016.html> – Acesso em 26/09/2019.

A procissão da Trasladação surgiu com um simbolismo noturno. Naquele contexto, a corda serviu para puxar a berlinda presa nas águas das chuvas. Hoje, uma multidão transformou a corda em símbolo de ligação com à Santa de Nazaré.

Assim, como não é fácil ter no término das procissões um pedaço da corda, ainda mais, é, a participação no contexto dessas procissões, pois, existe um acirramento constante em busca dessa conquista.

No Folha de Londrina, Jornal eletrônico do Paraná, em notícia postada em 21/10/2017, encontra-se a seguinte declaração acerca da permanência da corda na procissão, e uma breve definição do que é o Círio naquele contexto:

Definir o Círio não é tarefa fácil, mas com certeza pode-se dizer que é um rio de gente e um mar de fé. A manhã de domingo é o grande ápice. O maior desafio é conseguir um lugar junto à corda puxada pelos romeiros durante a procissão. A disputa é acirrada e só consegue tal feito quem garante o lugar ainda pela madrugada. Mesmo com recomendação para que a corda só seja cortada ao término da procissão, os romeiros a estão fragmentando cada vez mais cedo. Ter um pedaço da corda é como ter um amuleto¹³.

Toda problemática surgiu quando alguns participantes decidiram cortar a corda antes do término da procissão, gerando um tumulto no evento. De modo que os organizadores buscaram conscientizá-los, levando-os a perceber uma quebra no rito e um perigo ainda maior.

A grande maioria das pessoas levam consigo instrumentos pontiagudos, como facas e canivetes, para facilitar a divisão da corda no final da procissão, o que acontece por parte de alguns temerários.

A maneira pacífica encontrada entre a organização e os participantes do Círio foi a Campanha denominada: “*Não corte a corda*”, presente até os dias atuais, mas nem sempre surte resultado desejado.

Portanto, o que deve prevalecer é a consciência de cada um, pois o Círio é celebrado visando a devoção e fé coletiva, e no momento em que a corda é desfeita, caracteriza-se como rompimento desse símbolo de ligação.

A manutenção da tradição convive com os constantes entraves entre os poderes políticos e eclesiásticos, e permanecer com a corda em seu contexto, é propósito constante e permanente do povo paraense.

¹³ Um rio gente, um mar de fé. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-mais/um-rio-de-gente-um-mar-de-fe-991183.html> – Acesso em 06/09/2019.

A corda no Círio possui aspectos que devem ser observados como uma forma de manter viva uma tradição, que surgiu de um episódio específico e se tornou símbolo de ligação com o povo paraense:

A corda puxada pelos devotos é, atualmente, um dos elementos mais característicos do Círio de Nazaré. Inserida na procissão em 1855, para que o povo pudesse ajudar a tirar a *berlinda* de um atoleiro, hoje ela perdeu seu significado prático original, muito embora o seu aspecto simbólico e aproximação do sagrado tenha permanecido ao longo dos anos. Apesar das polêmicas suscitadas, a cada ano aumenta o número de promesseiros (ou penitentes) ao longo da *corda*, que passou de 50 metros de extensão, em 1982, para 350 metros em 1988, e para 420 metros em 1990¹⁴. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 31).

A caracterização da corda não consiste apenas em sua estrutura física ou mesmo cultural, e apesar de sua função primária e original não existir mais, sua simbologia é o que atrai a devoção do povo paraense e todos os que participam das procissões.

Sua extensão cresceu simultânea ao seu aspecto simbólico. Os que vão até a corda, o fazem na intenção de expressar sua devoção e crença em seu poder simbólico e sua ligação com o sagrado.

A ligação do povo paraense com o sagrado é construída igualmente com o encontro profano existente nas festividades do Círio, não possuindo aspectos divergentes, pelo contrário, um complementa o outro.

O contexto das festividades do Círio constitui-se num vasto campo investigativo, fazendo compreender que o espaço sagrado está, nesse contexto, imbricado com o espaço profano:

[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana. (ELIADE, O Sagrado e o Profano, pp. 14-15).

De fato, existe um interesse significativo para as várias áreas de investigação no contexto da ciência, no entanto, para alguns o sagrado e profano, são vistos em duas modalidades, mas no contexto do Círio, uma única dimensão.

¹⁴ Nota 25. Cf. ALVES, Regina. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea, Programa de Mestrado Institucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal do Pará / Universidade Federal da Bahia. Belém, 2002. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 79).

A ligação entre devotos e à Santa de Nazaré expressa-se em seu movimento humano com o divino. É expressão de devoção, fé e milagre, todos esses no aspecto do sagrado e profano, que para eles constitui-se numa mesma prática.

Participar do Círio é exercer uma religiosidade pessoal e coletiva ao mesmo tempo, em espaço sagrado e profano, numa perspectiva de agradecimentos dos votos alcançados e renovados quase que instantaneamente.

2.2. A corda em dois momentos específicos do Círio de Nazaré:

A procissão principal do Círio é realizada no domingo pela manhã, e tão relevante quanto a principal é a procissão da Trasladação, por se tratar de um momento específico e um público diversificado.

A procissão do sábado à noite, denominada de Trasladação, faz referência ao trajeto em si, como também das várias vezes em que a imagem da Santa de Nazaré foi transferida de um lugar para outro, e retornara ao ponto onde fora encontrada pela primeira vez.

O trajeto percorrido na procissão da Trasladação é repleto de homenagens, e mesmo sendo realizada na noite do sábado, expressa sua beleza, e apesar do calor amazonense, os participantes o fazem com a mesma devoção e gratidão:

Nesse mesmo dia, o segundo sábado de outubro, sai à noite, do Colégio Gentil Bittencourt, situado próximo à Praça Santuário, a procissão que recebe o nome de *Trasladação*, seguindo em direção à Catedral de Belém. Fazendo o trajeto do Círio no sentido contrário, seguem milhares de pessoas em procissão, a maioria com velas acesas, muitas delas cumprindo promessas, rezando contritas e entoando o hino de Nossa Senhora de Nazaré. [...]. Durante todo o trajeto, muitas homenagens são prestadas à Nossa Senhora de Nazaré, sendo que as principais são promovidas pelo Banco do Brasil e pelo Sindicato dos Estivadores e dos Arrumadores do cais do porto de Belém, com um espetáculo de fogos de artifício. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 45).

Apesar do Círio realizado no domingo pela manhã, a procissão da Trasladação com uma menor representativa, constitui-se relevante também para o contexto das festividades, cada qual com seu público específico, denotando às especificidades das duas realizações.

O público da procissão da Trasladação é menor, porém, em nada descaracteriza a grandiosidade que possui, a diferença entre os públicos é de milhão de pessoas, presentes entre à noite do sábado e a manhã do domingo.

Enquanto a procissão do Círio segue da Catedral até a Basílica, na Trasladação o percurso é realizado em sentido contrário, denotando a historicidade da imagem e, em referência ao trajeto imposto pelas autoridades:

No sábado à noite ocorre a Trasladação, em que a imagem faz o percurso imposto pelas autoridades, indo da Basílica para a Catedral (antes ela ia até o Palácio de Governo, que fica ali perto, mas o percurso foi alterado com o passar dos anos). Na madrugada do domingo, após uma missa, é hora do Círio, quando a Santa faz o caminho do dia do milagre, voltando para a Basílica¹⁵.

O milagre atribuído nesta citação está relacionado às vezes em que a imagem da Santa de Nazaré retornou para o local onde fora encontrada por Plácido José dos Santos, num pequeno rio, denominado de igarapé, na verdade um curso d'água.

Depois de vários retornos, compreenderam que à Santa de Nazaré estava indicando o local da construção da Basílica. Daí surgiu a Trasladação, representando as idas e vindas da imagem onde fora achada pelo agricultor.

A imagem usada hoje não é mais a achada por Plácido: “ganhou formas e traços amazonenses”. No entanto, nada retira a devoção dos paraenses, e a corda atrelada à berlinda, o seu significado peculiar aos devotos.

A procissão da Trasladação com suas características, consiste também num símbolo de ligação com à Santa de Nazaré, transcendendo pela religiosidade, tendo a corda como símbolo de fé em movimento.

Tanto o trajeto do Círio no domingo, quanto o da Trasladação no sábado, possuem seus significados específicos, desde a realização da primeira festividade cultural e popular:

Naquele primeiro Círio a imagem da santa foi transportada no colo do vigário geral, em um carro puxado por juntas de bois, como se fazia em Portugal. Quando o cortejo chegou à ermida da santa, foi rezada uma missa, após o que o presidente da província inaugurou a feira que mandara montar no arraial. Foi lançada também a pedra fundamental da igreja de pedra e cal que deveria ser erguida no lugar da ermida sob a responsabilidade da irmandade de Nossa Senhora de Nazaré. Esse primeiro Círio revivia a lenda: a imagem da santa, levada na véspera para a capela do Palácio do Governo, refazia seu caminho mítico, no dia seguinte, até o local do primeiro achado. Ainda hoje esse movimento de ir e vir da imagem da santa repete-se nas procissões da *trasladação* e do Círio, a primeira antecedendo a segunda, do mesmo modo que foi realizado por Sousa Coutinho. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 15).

¹⁵ O Círio de Nazaré e o chorar sem entender. Por Rafael Sette Câmara. Postado em 11/10/2017. Atualizado em 11/05/2018. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 27/09/2019.

Quando ainda a imagem da Santa de Nazaré era conduzida pelos clérigos, sem a existência da berlinda, o Círio possuía uma configuração diferente da de hoje, levando em consideração que as procissões ainda não existiam, sendo este o primeiro Círio.

No decorrer do tempo foram sendo realizadas várias implementações, no entanto, as essências das procissões continuam as mesmas, os trajetos percorridos em caminhos contrários, denotando o trajeto original da imagem da Santa de Nazaré.

Assim como a berlinda, a corda possui significado simbólico, e na grande maioria dos participantes, os que vão para a corda, buscam demarcar o espaço e perpetuar seu contato até o próximo Círio.

Os devotos, muitos deles, fazem o percurso descalços, numa conexão com a terra, e a Trasladação permite que outras pessoas sejam interligadas pela corda com o sagrado, à medida que participam daquele percurso de sacrifício e devoção.

O Círio é considerado o Natal dos paraenses, pois as festividades estão diretamente ligadas a celebrar nascimentos, esses gerados em seu contexto. As comemorações nesse período são de devoção e de muita fartura entre o povo paraense.

Os sentimentos que afloram durante as procissões, demonstram que as vivências naqueles dias estão repletas de expectativas e sentimentos de louvor, ações de graças e sonhos realizados.

A maneira como é realizado o percurso pouco importa em relação aos propósitos dos devotos; uns o fazem caminhando descalços, outros caracterizados, ainda outros de joelhos. O importante é participar das procissões da maneira que se sintam à vontade.

A escolha de participar da Trasladação à noite pode se constituir um modo de fugir do calor do sol; no entanto, em se tratando de Belém, engana-se quem pensa desse jeito, pois o clima amazonense esconde surpresas.

O anoitecer paraense esconde suas peculiaridades da baixa umidade relativa do ar, e as constantes chuvas, o que se vê e sente, “é um calor noturno” do sábado à noite, sem contar o calor gerado pelo aglomerado de pessoas em trânsito constante.

A trasladação sendo uma procissão noturna, não deve ser desmerecida em comparação ao Círio, o que deve ser identificada é a razão de ser de cada procissão, pois, em tempos remotos as duas eram realizadas no período noturno.

Ambas possuem características voltadas a devoção, fé e religiosidade, tendo a corda como elemento sacralizado, levando em conta que a procissão do Círio, era realizada também à noite, a semelhança da Trasladação.

No entanto, às constantes chuvas atrapalhavam os vários círios acesos levados pelos devotos, por isso, se estabeleceu que a procissão fosse transferida para a manhã do domingo, onde um espetáculo diurno também acontece.

2.3. A corda: dor, fé e devoção no Círio de Nazaré:

Os participantes do Círio são pessoas comuns, que correm atrás de seus sonhos, sofrem perdas, choram tristezas, comemoram alegrias, e por vezes nem sabem o motivo do choro¹⁶, emoção e devoção juntas numa realização pessoal e coletiva.

Desenvolvem relações interpessoais, buscam fazer com que a vida seja uma condição normal da existência, que tenha um sentido de pertencimento. O Círio possui características que fogem das condições institucionais, por se tratar de uma cultura e religião popular.

No entanto, participar do Círio representa uma experiência que vai além das expectativas do cotidiano. Encontramos em alguns relatos histórias que levam à reflexão.

Essas pessoas comuns ficam tristes, enfermam, e quando isso acontece buscam meios para curar as enfermidades, por intermédio de suas intercessões e promessas.

Como é o caso dessa mãe, que se encontra no (registro fotográfico da página 45). Sua história começa com a doença da filha, e a partir daí sua trajetória de dor, fé e devoção, sendo também descrita como estudo de caso na página seguinte:



Fonte da Foto: Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 23/08/2019.

¹⁶ O Círio de Nazaré e o chorar sem entender. Por Rafael Sette Câmara. Postado em 11/10/2017. Atualizado em 11/05/2018. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 27/09/2019.

Sua foto relata bem essa percepção analítica, seus braços apoiados numa espécie de lona embrulhada, a semelhança de um pedaço de madeira revestido, para dar sustentação.

Em seu braço esquerdo pelo angulo da foto, um pedaço da corda do Círio anterior, fitas coloridas, nas cores vermelha e azul, e complementando seus símbolos de religiosidade e devoção, um terço.

Elementos essenciais para que as forças sejam reestabelecidas em sua jornada realizada há mais de uma década. Os braços sendo segurados por voluntários, pessoas que no início do Círio nem imaginam os encontros que terão no percurso.

Esses elementos contam a trajetória de cada devoto, pois, são milhares de pessoas envolvidas numa devoção coletiva, mas é preciso perceber que a individualidade de cada devoto é de foro íntimo, mas de trajetória coletiva:

Os romeiros madrugam em frente ao mercado de peixe do Ver-o-Peso, local em que a *corda* é estendida já na madrugada do dia do Círio. Esta é feita de fibras de juta, sendo grossa o suficiente para suportar a tensão a que é submetida durante à procissão. É um espaço de fé, do pagamento da promessa, da devoção, da dor exacerbada, mas também da união dos corpos e dos espíritos. Em entrevista realizada com pagadores de promessa, uma devota relatou que “um pai não falava com a filha há um ano e no dia do Círio de 2002, na procissão, voltaram a se falar¹⁷”. Nas proximidades da praça Santuário, em frente ao Colégio Santa Catarina, na avenida Nazaré, a *berlinda* é liberada e os promesseiros dão um espetáculo à parte: visitantes emocionados, com os olhos cheios de lágrimas, ajoelham-se, levantam os braços e, de mãos dadas, rezam, enquanto a *berlinda* com a imagem da santa passa por eles, para alcançar o altar no centro da praça Santuário. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 32).

A comoção dos devotos envolve até mesmo quem não é devoto, ainda mais, revela encontro entre pai e filha que não se falavam, num determinado espaço de tempo. As festividades é lugar de devoção, de fé, de religiosidade, mas também de perdão.

Ainda no Dossiê Iphan I, 2006, encontra-se referência sobre a trajetória de alguns devotos, em específico, de uma mãe resignificando a promessa à Santa de Nazaré:

A trajetória de cada devoto é, ao mesmo tempo, única e coletiva, uma vez que expressa o conjunto dos problemas e aflições comuns à coletividade dos paraenses e mesmo aos brasileiros. Identificam-se na devoção elementos comuns à cultura nacional, tais como na religiosidade popular marcada pela peculiar relação sagrado-profano, o culto dos santos, bem como a idéia de comunhão nacional, para além de todas as singularidades regionais. Na procissão vêm-se os promesseiros carregando *ex-votos* representando casas, barcos, partes do corpo, animais, materiais de

¹⁷ Nota 26. Depoimento da professora Isa Carmem durante entrevista focal. Belém, 15/09/2002. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 79).

construção, mostrando ao mesmo tempo os males e as alternativas encontradas para a resolução de seus problemas. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 69).

Dentre os devotos, em específico encontramos Vivian em seu trajeto realizado de joelhos, uma mulher que tem se consolidado símbolo de devoção do povo paraense. Entre os elementos listados como problema, a resolução foi alcançada coletivamente.

O chapéu que está usando, cedido pela voluntária, que abriu mão de sua proteção para protegê-la, como forma de amenizar o sofrimento da penitente.

Seu rosto expressa a dor, o cansaço, as limitações do corpo, mas revela também sua força interior. Ela é fruto de uma promessa e tendo alcançado sua petição, continua fazendo o mesmo percurso todos os anos da mesma maneira:

No último domingo, dia do Círio de Nazaré, eu acompanhei essa história. Eu estava lá, pertinho, quando a Vivian entrou no último quarteirão do trecho de 3,6 quilômetros. Ela, que começou o percurso praticamente sozinha, estava cercada por dezenas de pessoas – gente da Cruz Vermelha, voluntários, amigos, parentes ou quem simplesmente estava ali e resolveu ajudar. Tinha quem desse água, tinha quem fizesse massagem, tinha quem falasse palavras de apoio e não faltou quem cantasse. “A Vivian vai chegar”, diziam todos. Chorando, ela chegou. E me fez chorar também. Eu e quase todo mundo que acompanhou aquele quarteirão final, que teve duração de maratona¹⁸.

Como a fé é de foro íntimo, não nos cabe fazer juízo de valor quanto à atitude dessa mãe, e nem deve ser pretensão de alguém que decide descrever cientificamente os fenômenos religiosos, pensar em mudar sua postura epistemológica.

O percurso total é de 3,6 quilômetros. No entanto, uma pessoa que decida realizá-lo em passadas regulares, numa avenida livre de obstáculos, leva em média quarenta minutos de caminhada.

Como o percurso é realizado de joelhos, equivale num tempo maior, devido às dificuldades do trajeto e energias gastas, precisando de muitas horas para executar sua jornada, descrita da seguinte forma:

A melhor forma de transformar um percurso de três quilômetros em 30 é percorrê-lo de joelhos. A Vivian entende do assunto, afinal ela faz isso há mais de uma década. Moradora do Pedreira, um bairro de Belém, ela prometeu à Nossa Senhora de Nazaré que participaria todo ano do Círio assim, de joelhos, pela vida de sua filha, que nasceu com um problema de coração. Aos 16 anos, a filha da Vivian está aí, firme e forte e estudando. Motivo suficiente para que a mãe cumpra a promessa¹⁹.

¹⁸ O Círio de Nazaré e o chorar sem entender. *Por Rafael Sette Câmara*. Atualizado em 11/05/2018. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 27/09/2019.

¹⁹ O Círio de Nazaré e o chorar sem entender. *Por Rafael Sette Câmara*. Atualizado em 11/05/2018. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/cirio-de-nazare-belem> – Acesso em 27/09/2019.

Assim, como ela, existem várias outras pessoas fazendo o mesmo percurso de joelhos, outros de maneira desproporcional aos limites do corpo, no entanto, os relatos são de que, não importa o quanto de dor será necessário, suportar é a palavra-chave para concluir o percurso.

A corda em suas mãos, faz lembrar que: “Nos hieróglifos egípcios, a corda em nó designa o nome de um homem ou a existência distinta de um indivíduo. É o símbolo de uma corrente de vida, refletida sobre si mesma²⁰ e se constituindo enquanto **pessoa**”.

Nos joelhos a força e a determinação. Assim, vem fazendo há mais de uma década. A filha que enferma estava, fora curada e desde então, todos os anos faz o percurso como forma de gratidão, fé e devoção.

Durante toda a programação, encontramos pessoas distribuindo água, comida, apoio emocional. Participantes de outras tradições religiosas que na época das festividades unem sua fé, para salvaguardar a vida das outras pessoas.

²⁰ Dicionário de Símbolos, p. 285, et al. Anexos, p. 67, deste Trabalho de Conclusão de Curso.

3. AS INTERDIÇÕES QUE SURGIRAM AO LONGO DO TEMPO

As várias interdições que surgiram durante alguns Círios, promovidas diretamente pelo Arcebispo Dom Irineu Joffily²¹ na década de 1930, por alegações da Sagrada Congregação dos Ritos, algumas marcaram a História.

Trouxe com suas interdições inúmeros problemas políticos e eclesiásticos, tendo-se que apelar por uma intervenção do Ministro do Exterior, na pessoa do Tenente Magalhães Barata, interventor da época, que não aceitava a maneira como estavam sendo realizadas.

O Arcebispo mandou retirar os carros, e decidiu que a partir de então, os homens deveriam carregar nos ombros a estrutura da berlinda e os demais carros de tração animal foram banidos da procissão.

Outra interdição de Dom Irineu foram as coreografias dos marinheiros, pois, aqueles movimentos realizados por eles eram de um tom exagerado e disfuncional com a proposta do evento eclesiástico.

Por se tratar de uma celebração religiosa e de cunho sagrado, as apresentações em via pública divergiam da proposta religiosa, na percepção de Dom Irineu, que poderia ter sido lembrado como uma personalidade histórica, mas desperdiçou a chance.

No entanto, no Círio, em sua grande maioria, as expressões, embora não pareçam, contém relação com o sagrado e representam o desejo do povo, numa devoção muitas vezes incompreendida, mas repleta de atitudes de fé, devoção e religiosidade:

Deve-se entender os elementos do sagrado e do profano que marcam o Círio de Nazaré como fruto de uma relação e não como elementos opostos. A fronteira entre um e outro é, muitas vezes, quase imperceptível. Os conflitos oriundos desta relação não fazem mais do que demonstrar formas diferenciadas de conceber a religiosidade entre devotos e clérigos. Não podem ser esquecidas, ainda, as motivações e oportunidades profanas que a festividade proporciona, como espaço de sociabilidade. Muitos noivados e casamentos começaram nas festas do arraial, já que os pais aproveitavam o Círio para apresentar a beleza de suas donzelas e o vigor dos filhos moços. O Círio sempre representou tempo de mesa farta, de bebida abundante, ocasião para jogos de azar e brinquedos no parque de diversões. A própria festividade funcionou originariamente como feira de produtos regionais. Em suma, a festa também faz parte da homenagem dos devotos à santa, já que, além de lhes agradecer com o milagre, ela ainda os brinda com música, dança, espetáculo²². (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 19-20).

²¹ JOFFILY, Irineu. Verbete Biográfico. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joffily-irineu> – Acesso em 24/09/2019.

²² Nota 12. Cf. COELHO, Geraldo. op. cit. p. 121. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

A representatividade no Círio do sagrado e do profano vistos como aspectos convergentes, retratam que para o povo paraense, devoção e diversão são aspectos da vida no contexto das festividades.

Para os devotos, todos os aspectos das festividades são válidos, e constituem-se aspectos de devoção, não podendo ser separados de uma vivência religiosa, aquilo que é considerado uma expressão contextualizada de devoção, fé e diversão:

Ao separar bailes e missa, rezas e danças, para o bem da noção de “espírito religioso”, a Igreja cria uma espécie de modelo de comportamento cristão, significando uma perfeita adequação aos seus sentimentos e uma absoluta obediência aos membros do clero. Na lógica dos adeptos do catolicismo popular, pôr a festa de cabeça para baixo, fazer da festa e do encontro que ela propicia um momento de protesto, muitas vezes é uma forma de caricaturizar as instituições que tentam adestrá-lo. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 27).

O modelo cristão de comportamento instituído, serve até certo ponto, onde às diretrizes do catolicismo popular são reservadas às ordenações religiosas, mas, para os aspectos vistos como profanos, aos devotos é continuidade de sua devoção.

Tais atitudes religiosas servem para reforçar o símbolo de ligação, pois segundo Brandão (1978), tendo a corda como elemento de mediação entre o devoto e à Santa de Nazaré, podendo ser considerado como um “contrato”, onde:

Esse sacrifício contratual está presente nas dádivas dos deuses, ou, nesse caso, na Nossa Senhora de Nazaré. O objetivo é retribuir uma graça alcançada ou, no mínimo, comprar a paz e a harmonia do devoto perante a Santa²³. “Assim, os participantes investem na festa como um dever e recebem alguma coisa dela, como um direito”. (BRANDÃO, O Divino, o Santo e a Senhora, 1978, p. 41).

Todo sacrifício visto na realização do Círio pode ser interpretado de várias formas, mas tudo leva à percepção de que os sentimentos dos participantes, subsiste numa troca direta entre eles e à Santa de Nazaré.

Não sendo entendida como obrigação, direitos e deveres, mas partindo da realidade existente entre eles, como um símbolo de ligação e religiosidade, de um povo que exerce sua fé por meio de um “contrato sacrificial”.

Compreendendo a existência do cumprimento de ambas as partes acordadas, é preciso deixar claro que as petições que fazem parte do contrato sacrificial, não constitui-se como barganha entre os devotos e à Santa de Nazaré.

²³ Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_silva.pdf

O Círio também pode ser compreendido como uma festividade com vários significados, daí surgindo conflitos de interesses entre os grupos imbricados nessa relação sagrado e profano:

O Círio de Nazaré pode então ser percebido como uma festa polissêmica, um campo de conflitos, fruto do embate permanente entre diferentes tradições, entre experiências múltiplas tecidas no contexto da romaria. Num espaço que sugere ordem, é possível perceber momentos de desordem, transgressão e conflito com a oficialidade da festa. Se a devoção sugere a relação íntima do devoto com a divindade, pode-se perceber, além disto, a tentativa de controle do episcopado em relação a essa forma de devoção popular, procurando expurgar os festejos dos elementos considerados profanos. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 27).

É perceptível que no contexto do Círio nem tudo está no controle do clero, pois, as características do catolicismo popular paraense, são tão diversas quanto os vários significados de sua devoção. O povo é devoção, mas também é diversão.

3.1. Interdições da Igreja Oficial (A retirada da corda):

O Círio teve sua primeira edição em 1793, e sobrevive até os dias de hoje, como uma manifestação religiosa e cultural, na modalidade da religiosidade popular e num contexto de vida e vivências devotas.

O Círio passou por várias interdições, das quais algumas se destacam: a primeira foi a introdução da corda e seu reconhecimento como elemento sacralizado oficialmente, a segunda, a tentativa da retirada da corda por questões de segurança.

No entanto, a maior delas se constituiu por questões políticas. Essa interdição durou quatro anos consecutivos, pois, a corda que representa um símbolo de ligação, estava proibida no cenário religioso da época.

A corda apesar de sua oficialização continuava a ser alvo de contradições, pois, antes mesmo das interdições do Arcebispo Dom Irineu, que afloraram entre (1925-1931), envolvendo o Arcebispo diretamente nesse episódio.

Dentre os conflitos no cenário da religião popular paraense, a questão relacionada a corda, desde sempre, fez parte da historicidade das festividades do Círio, sendo esse o segundo conflito:

Esta foi outra situação conflituosa envolvendo o Círio, no final da década de 1920. Acusada de responsável pelo atraso da procissão, a *corda* conduzida pelos promesseiros que circundavam a *berlinda* da santa foi muitas vezes desatrelada

desta para antecipar a chegada da imagem da santa à Basílica de Nazaré. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 24).

Os conflitos continuaram até a chegada de Dom Irineu para assumir o arcebispado entre (1925-1931), onde em seu período como Bispo da Arquidiocese de Belém, suprimiu a corda das festividades.

O Arcebispo Dom Irineu no uso de suas atribuições, já havia percebido condições de supressão. Daí encontrou nos diversos atrasos no percurso da procissão, à condição perfeita para a retirada da corda em definitivo.

O povo insistiu pelo retorno, pois ela se tornara símbolo da devoção, e o Círio não teria as mesmas características e atratividade. O povo se revoltou, impondo que fosse revogada qualquer interdição acerca da corda.

E de fato, a pressão para com a Arquidiocese surtiu efeito. O Tenente Magalhães Barata, o mentor da campanha de retorno da corda, entrevistou faltando dois meses para a celebração das festividades naquele ano:

Corria o mês de agosto e Barata conseguiu orquestrar uma campanha pela volta da corda. No dia 02 de outubro, a cidade era um barril de pólvora com pavio aceso. Alunos do Paes de Carvalho (à época Ginásio Paraense), da Escola Normal, da Fênix Caixerai, da Escola Prática e do Comércio, dos membros da Legião de Outubro, dos Bombeiros Voluntários, da Companhia Paraense de Eletricidade, da Limpeza Pública e de muitos outros órgãos do governo, além da população, saíram em passeata. (...). Na véspera, monsenhor Argemiro havia estado na residência de Magalhães Barata para anunciar ao interventor a decisão do Núncio de manter as determinações de Dom Irineu. Dom Argemiro voltou para casa, sem saber que Barata colocaria nas ruas um Círio Civil, sem a presença dos padres e da Igreja. (...). Magalhães Barata enviou um telegrama ao Ministro do Interior com os seguintes dizeres: “iríe usar os mesmos métodos que empregou o ex-governador Dionízio Bentes, quando escoltou a procissão de 1926, conduzindo armamentos em carroças, enquanto policiais a acompanhavam armados de sabre, calcando assim os sentimentos religiosos daqueles que pensam e sentem como eu”. (...). A três dias do Círio, o secretário particular de Dom Argemiro foi à casa do interventor para avisar que o Núncio Apostólico²⁴ havia autorizado a realização do evento, segundo a vontade do povo. Quando a notícia chegou aos ouvidos da população, Belém se transformou numa grande festa e durante todo o dia foguetórios irrompiam em diferentes bairros. Na manhã de 11 de outubro de 1931, o Círio saiu da catedral às 8 horas. A corda ia atrelada à berlinda e era puxada apenas por homens escolhidos pela Diretoria da Festa e pelo interventor. (Jornal O Liberal, Caderno Atualidades, 12 de outubro de 2008, p. 31).

²⁴ O Núncio Apostólico correspondia na época a representação diplomática da Santa Sé. Benedetto Aloisi Masella, (Pontecorvo, 29 de junho de 1879 – Roma, 30 de setembro de 1970), foi um cardeal italiano. Foi núncio apostólico no Chile de 1919 a 1927 e no Brasil de 1927 a 1946, prefeito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos de 1954 a 1968, e camerlengo da Igreja Católica de 1958 até à sua morte aos 91 anos, de doença renal, em Roma em 30 de setembro de 1970. Disponível em: https://www.findagrave.com/memorial/32935492/benedetto-aloisi_masella – Acesso em 24/09/2019.

O Tenente Magalhães Barata, insatisfeito com as interdições de Dom Irineu, ameaçou colocar nas ruas de Belém um Círio Civil, descaracterizando assim, a hegemonia do Círio, em decorrência do primeiro realizado em 1793.

No entanto, encontra-se registrado na História do Círio, menção de festividades, na época: a questão nazarena, sendo esse o primeiro conflito, onde círios civis foram as ruas de Belém:

A questão nazarena prolongou-se até o ano de 1880, envolvendo uma disputa entre a autoridade eclesiástica e a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, da qual faziam parte alguns membros da maçonaria, e cuja legitimidade era contestada por Dom Macedo. Na época estava sendo concluída a construção da igreja que deveria substituir a antiga ermida, sendo que a disputa se fazia também pelo controle do novo templo, que a irmandade desejava manter sob sua guarda. Além das *ladainhas civis* foram também realizados dois *círios civis*, em 1878 e 1879, sem a participação do clero e das autoridades religiosas. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 22).

A questão nazarena, faz menção direta com a intenção do Tenente Magalhães Barata que ameaçou colocar nas ruas de Belém um Círio Civil, por semelhante modo, dos quais foram postos em 1878 e 1879, onde seria o terceiro na História do Círio.

A presença de alguns maçons juntamente com a Irmandade de Nossa Senhora Nazaré, remete a referência existente no dicionário de símbolos, no simbolismo da corda utilizada nos templos maçônicos:

A corda com nós é, nos templos maçônicos, um símbolo com o qual se adornam as paredes: *simboliza a cadeia de união que prende todos os maçons uns aos outros*, e que eles mesmos figuram formando um círculo, de mãos dadas. *Numa loja mista, os membros se esforçam, tanto quanto possível, em formar uma corrente em que Irmãos e Irmãs se alternem*. F. Gineste diz, a propósito: *a cadeia de união nos parece, essencialmente humana; melhor ainda, de uma reconciliação universal* (HUTF, 158.174). (Dicionário de Símbolos, p. 286).

A prova da união interna, se mostra externa quando alguns maçons se uniram a irmandade, na busca de um bem comum, tentando quebrar o monopólio das autoridades eclesiásticas no controle do novo templo.

Assim, como os maçons e a irmandade se uniram para defender os direitos do povo, por semelhante modo o fez o Tenente Magalhães Barata contra o poder clerical da época, nos resquícios das intervenções de Dom Irineu Joffily.

Contra-atacando a hierarquia clerical, pretendia colocar como substituto um Círio sem a presença efetiva de padres e da própria Igreja, como forma de embate entre o Poder Clerical e o Estado Interventor.

A maneira encontrada para solucionar o embate, foi esperar por intervenção externa, apelando ao Ministro do Exterior, através do Núncio Apostólico, em favor dos devotos e ao retorno da corda que fora abolida por questões de embate com o catolicismo popular.

Em contrapartida, os eclesiásticos, detentores do poder clerical, no final, perderam. A vontade popular prevaleceu e a ordem fora estabelecida para o Círio daquele ano. *Mas, quais eram os verdadeiros interesses desses grupos distintos no contexto do Círio?*

3.2. Percursos vencidos através dessas interdições:

Quanto às interdições relatadas no início deste capítulo, a que mais marcou a História do Círio ocorreu numa disputa entre o Poder Clerical e o Estado Interventor, onde cada espaço deveria ser suprido com os interesses próprios.

O Círio estava constantemente ameaçado pelo poder do Arcebispo Irineu, e enquanto o povo paraense buscava exercer sua devoção e religiosidade popular, era impedido pelo poder eclesiástico:

O Círio de Nazaré é um acontecimento que envolve, direta ou indiretamente, toda a população paraense, estendendo sua influência para além dos limites do estado do Pará. Apesar da existência de Círios de Nazaré em outros estados do Brasil, nenhum deles possui a amplitude que o Círio de Nazaré alcança em Belém, configurando-o como um dos fenômenos religiosos mais importantes do Brasil. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 13).

Os fenômenos podem ser distintos, as configurações diversas, mas a devoção do povo paraense é única, e mesmo com as interdições sofridas na época do Arcebispo Dom Irineu, o povo continuou sendo e possuindo as mesmas características devocionais de fé.

O poder clerical representado pelo Arcebispo sempre buscou exercer um poder sobre o catolicismo popular, pois, não é de hoje que as autoridades buscam suprimir a devoção paraense.

Hoje as procissões do Círio já datam de mais de dois séculos, de devoção, religiosidade e cultura popular, *ainda se encontram resquícios das interdições do passado? Será que o poder clerical atual busca ainda monopolizar as festividades?*

Conforme o Dossiê Iphan I, 2006, uma supressão ocorreu posterior a do Arcebispo Dom Irineu, em relação a supressão do poder institucional pela devoção popular dos paraenses:

O *carro dos fogos* foi introduzido no Círio de Belém no ano de 1826, pelo presidente da província do Pará, Félix Pereira Burgos²⁵. Em 1983, sob alegação de que os fogos de artifício causavam muitos acidentes, a diretoria da festividade resolveu suprimir esse carro. Mas a presença dos fogos de artifício nos círios é algo essencial e faz parte das homenagens que a santa recebe durante a realização do préstito. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 16).

Embora os poderes institucionais buscaram suprimi-los, eles representam parte da devoção à Santa de Nazaré e os momentos mais marcantes da História do Círio, foram testemunhados com o brilho e som dos fogos de artifício.

As interdições marcaram a vivência do povo paraense, e fizeram mais, demonstraram a força existente na cultura e religião popular. Dom Irineu se utilizou de suas atribuições eclesiais para suprimir a devoção do povo, conseguindo em alguns momentos.

Brandão (1986), traz uma descrição de seus estudos quanto o catolicismo popular e as autoridades políticas ou eclesiais, visando esclarecer o tema como sendo uma constante disputa:

O estudo de Brandão também é inovador na análise dos conflitos entre as esferas erudita e popular. Mostra como, na primeira, a lógica de encontro com a diferença é exclusivista, isto é, o erudito se relaciona com o popular para negá-lo, corrigi-lo, iluminá-lo, segundo aquilo que considera o correto, o verdadeiro. Já, do lado do popular, a lógica que rege o encontro é inclusiva, o popular vê o erudito como mais uma alternativa para se conhecer e se relacionar com a realidade visível e invisível, toma-o como complementar ao seu modo (limitado) de ser, sem deixar de reconhecer que também o erudito tem limitações²⁶.

Uma excelente amostra da peculiaridade e nobreza que existe no contexto popular cultural e religioso, pois, enquanto o erudito, seja político ou eclesial percebe no catolicismo popular uma condição de dominação, os populares os enxergam como complementares.

Talvez o que faltou no Arcebispo Dom Irineu, foi a capacidade de perceber as peculiaridades e excelência invisível aos políticos e mesmo aos clérigos, uma condição complementar no contexto religioso do Círio.

O Arcebispo mandou retirar todos os carros das festividades, forçando os homens a carregar o púlpito na força dos braços durante todo o trajeto da procissão.

Na época houve uma insatisfação generalizada por parte do povo paraense contra as reformas do Arcebispo Dom Irineu, que no cargo da Arquidiocese de Belém proibiu no contexto do Círio vários atrativos.

²⁵ Nota 6. Cf. ROCQUE. Carlos. *História do Círio e da Festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981, p. 42. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

²⁶ Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_silva.pdf

Com sua renúncia, fora designado para assumir a Arquidiocese, Dom Antônio de Almeida Lustosa²⁷; no entanto, nesse ínterim, até sua chegada, respondeu de maneira provisória um vigário-capitular designado para o ofício.

O Monsenhor Argemiro Pantoja, querendo exercer as mesmas práticas de Dom Irineu, vindo também sofrer sanções de Magalhães Barata:

Mais do que a ação populista de Magalhães Barata, deve-se destacar a ação autônoma dos devotos do catolicismo popular paraense, que não mediram esforços para a manutenção da tradição, havendo mesmo quem sugerisse o seu tombamento: “Tombar a *corda* para declará-la, formalmente patrimônio cultural dos paraenses, parte integrante do nosso modo de viver e dos sentimentos, e assim preservá-la de qualquer tentativa de extingui-la ou mudar sua função. Isso implicaria reconhecer que a *corda* e a *berlinda*, formam um conjunto indivisível e que só devem separar-se ao chegar ao Largo de Nazaré. Assim, quem viesse a atentar contra este conjunto estaria atentando contra um bem tombado e, portanto, passivo das penas da lei²⁸”. A polêmica quanto ao desatrelamento da *corda* e da *berlinda*, entretanto, não é ainda um caso encerrado. Como todos os anos surgem rumores sobre possíveis mudanças na programação do Círio, os devotos ficam preocupados quanto à permanência dos elementos que eles consideram indispensáveis à procissão. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 25).

Magalhães Barata, juntamente com os devotos, ambos com interesses diversos, lutaram para uma condição permanente da corda, embora não soubessem que a batalha iniciada naquela época, até hoje seus rumores rondam as festividades.

O então interino, recém-chegado a Belém, decidiu divulgar suas palavras no Jornal Boa Nova, onde daria prosseguimento com as interdições, dando continuidade às imposições do Arcebispo Dom Irineu enquanto estava em exercício.

Reafirmou que as interdições nas festividades seriam as mesmas praticadas pelo antecessor eclesiástico, o Arcebispo que ao renunciar enfraqueceu o interino em seu exercício temporário.

O Arcebispo Dom Irineu, após conflito direto com o tenente e interventor Magalhães Barata, que saiu vencedor com o povo paraense, abdicou do cargo eclesiástico, e o fez pelas seguintes razões:

A questão foi resolvida só depois da Revolução de 1930, quando assumiu a intervenção do estado o então tenente Magalhães Barata que, colocando-se ao lado das manifestações populares e manipulando-as em benefício político, assumiu a causa da volta do “Círio tradicional”. A renúncia de Dom Irineu Joffily, em julho de 1931, alegando motivos de saúde, levantou a hipótese de que o motivo também

²⁷ LUSTOSA, Dom Antônio de Almeida. Disponível em: <https://arquidiocesedeuberaba.org.br/item/dom-antonio-de-almeida-lustosa/> – Acesso em 24/09/2019.

²⁸ Nota 21. Cf. NASSAR, Flávio. op. cit. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 78).

estivesse ligado ao conflito que se estabelecera entre as autoridades laica e eclesiástica. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 24).

Apesar do apoio de Dionísio Bentes, governador na época, a melhor maneira de resolver a questão foi a renúncia, pois, diante das circunstâncias não haveria motivos para continuar com as constantes interdições.

A abolição da corda já havia se constituído uma forma desconfortável de permanecer no cargo para o Arcebispo Dom Irineu, e o poder eclesial da época, por ele representado havia chegado ao fim.

Alguns anos depois, a corda voltou ao cenário de interdições em forma de advertência, pois, alguns participantes começaram a cortar a corda antes do término da procissão, causando polêmicas generalizadas.

Entretanto, as campanhas em prol da permanência da corda continuar intacta, é um percurso a ser vencido, pois, todos os anos o simbolismo aumenta em tamanho e proporção, assim, como o desejo de ter um pedaço dela, antes mesmo do término da procissão.

Embora outros elementos possam ser agregados, outros substituídos, renomeados, resignificados, o que nos parece é que a corda em tese, permanece sendo símbolo de ligação na religiosidade popular paraense.

Portanto, os percursos vencidos através das interdições nos Círios realizados anteriormente, trouxeram consigo, de certa forma, uma proximidade maior entre a corda e os devotos, mesmo que o contato direto não exista mais como nas primeiras procissões.

3.3. Percurso turístico: devoção e seus agenciamentos:

O homem na história da humanidade sempre buscou meios de transcender sua natureza, pois é um ser histórico, mesmo àqueles que não reconhecem em si uma condição intencional de acesso a dimensão transcendental.

O Estado do Pará, representa para os devotos, o lugar do sagrado e do profano, os quais não são percebidos, pelo menos na visão dos participantes do Círio em Belém, como excludentes, mas, como fator de convergência.

E o lugar do sagrado todos os anos é preparado para receber os participantes do Círio; estima-se que para a edição 226^a de 2019, Belém, receberá 83 mil turistas em seus quinze dias de festividades.

Para assegurar a acomodação dessas pessoas, a cidade será transformada numa enorme estrutura como acontece todos os anos, pois o turismo é um aspecto essencial nos dias em que a expressividade religiosa se aflora com mais intensidade.

A cidade precisa se programar para qualquer tipo de eventualidade, em termos de segurança, serviços de hotelaria, transporte para os traslados dos visitantes, estrutura de assistência à saúde e socorro aos participantes, que são auxiliados, pela Cruz Vermelha.

Em antecedência às festividades do Círio, toda uma estrutura é montada, a cidade de Belém prepara-se para o recebimento daqueles que se farão presentes, onde:

Dias antes da procissão, a avenida Nazaré, no trecho da praça da República até à Basílica, é decorada com arcos, utilizando-se motivos que homenageiam a santa e que são escolhidos por meio de concurso. Caixas de som são estrategicamente colocadas nos postes e mangueiras, ao longo do trajeto, para a sonorização da procissão. Também são construídas arquibancadas na praça da República, pela avenida Presidente Vargas, sendo os espaços vendidos aos fiéis e turistas que quiserem assistir a procissão de forma mais cômoda. Centenas de vendedores ambulantes espalham-se por todo o trajeto, oferecendo produtos como água mineral, sucos, refrigerantes, cerveja, brinquedos de miriti e fitinhas do Círio. São montados palcos ao longo do trajeto, onde ocorrem as homenagens à Nossa Senhora de Nazaré, como apresentações de corais, canto lírico e hinos de louvor à Santa. Quase toda a cidade participa da procissão de uma forma ou de outra. Mesmo os que ficam em casa acompanham-na pela televisão ou pelo rádio. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 29).

Durante os quinze dias das festividades, além de mudanças significativas na cidade de Belém, as pessoas buscam de certa forma contribuir para o seu desenvolvimento turístico, fazendo recepção calorosa aos turistas, aliviando também o calor do trajeto.

O turismo além de injetar milhões de dólares na cidade, também é alvo de várias disputas pelas áreas demarcadas, nos territórios e territorialidades existentes no contexto do Círio, surgindo conflitos entre estruturas diversas; podemos citar duas delas.

A primeira seria o Governo, detentor do espaço físico e simbólico, e do poder de decisão, e com sua estrutura, atribui-se aos turistas e ao povo paraense em geral, os impostos devidos ao Estado.

A segunda seria os próprios agentes turísticos, que demarcam os lugares e fazem com que os turistas percebam sua sacralidade simbólica, exercendo o poder da persuasão, não permitindo que outros lucrem com esses espaços sagrados.

A devoção das pessoas se transforma em oportunidade de renda e lucro, mas também traz conseqüentemente conflitos entre estruturas de poderes, que são exercidos pelo governo e os agentes de turismo.

É preciso lembrar que nos primeiros Círios, a intenção primária não se constituía em aspectos turísticos, pois as primeiras procissões foram realizadas numa intenção de homenagear à Santa de Nazaré como padroeira da cidade de Belém.

De fato, haviam interesses entre o comércio e o aspecto sagrado, não tão modernos como os de hoje, mas já eram previstos os lucros através dos Círios. Vejamos, pois, quem foram os primeiros devotos a inaugurar a devoção à Santa de Nazaré e a relação comercial:

A relação entre Círio e comércio é bem antiga. No século XIX, a proximidade do Círio aumentava a procura por fogos, velas, tecidos e outros adereços, o que não passava despercebido pelos comerciantes da época, que aproveitavam a oportunidade para aumentar os lucros graças ao fervor religioso dos devotos. Nesse sentido, Fonseca Coutinho e Cia. procuravam convencer os devotos da importância de sua fábrica de cera “pelos meios que doravante proporciona a qualquer Irmandade, de poder comprar cera legítima por preços mais cômodos do que os de Lisboa. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 17).

Na época, talvez não houvesse as disputas existentes atualmente, mas havia persuasão para se adquirir produtos da própria terra, sem necessariamente a possibilidade de importar elementos a serem utilizados nos Círios, por mãos de estrangeiros.

Ainda, a condição de comprar mesmo no Brasil, alguns produtos que já haviam sido trazidos da Europa, não necessariamente de Lisboa, daí, percebe-se que a importação já era praticada entre os comerciantes de Belém:

Na fábrica de cera, os devotos poderiam encontrar velas de todos os tamanhos, além de *ex-votos* (reproduções em cera de órgãos do corpo humano ou de objetos que são oferecidos em agradecimento a um milagre ocorrido) de todos os feitios. Na loja havia grande sortimento de tintas finas vindas da Europa, apropriadas para retoque de retratos e *encarnação* (pintura) dos santos. Manoel da Costa Val, com sua oficina de batineiro e alfaiate, atendia ao clero com “fazendas próprias para batinas e outros misteres sacerdotais. Desde o início era íntima a relação entre os negócios da fé e os negócios do comércio do Círio de Nazaré. A preocupação das autoridades constituídas com a moralidade que deveria acompanhar os devotos e comerciantes em todo o evento sempre foi grande. Ao anunciar a feira de produtos regionais, o presidente da província recomendava que os diretores da província só permitissem a vinda de índias solteiras acompanhadas de seus pais, e as casadas, em companhia dos maridos. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 17-18).

Observa-se que o conflito de interesses continua até hoje, numa mesma perspectiva, talvez numa condição elementar, mas existente entre grupos distintos, a semelhança dos comerciantes, em lucrar com os aspectos sagrados.

Quanto aos aspectos morais nas festividades, as determinações eram claras e objetivas, as mulheres solteiras deveriam estar acompanhadas dos pais e as casadas dos respectivos maridos.

O Círio, apesar de ser constituído de festividades cultural e religiosa, compõe-se de moralidade, e de uma ética talvez não compreendida na totalidade pelo povo, mas, imposta pelas autoridades.

O Círio também sofreu ao longo do tempo, alguns ajustes que de certa forma contribuiu para seu aperfeiçoamento como festividade cultural e religiosa:

Ao longo do tempo, o Círio de Nazaré, em Belém, sofreu diversas modificações: quanto à data e ao horário de realização; e quanto à organização do cortejo, ao qual foram agregados diversos elementos novos e alegorias, embora seu itinerário tenha sido mantido sem grandes alterações. No início, não havia data certa para começar a festa, podendo esta ser realizada em setembro, outubro ou novembro. A romaria era vespertina e até mesmo noturna, daí o uso de velas. A partir de 1854, em função das chuvas que comprometeram o Círio no ano anterior, a procissão passou a ser realizada no horário matinal. [...]. Em 1901, o bispo Dom Francisco do Rêgo Maia fixou o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio. No ano de 1793, quando era governador do Pará o engenheiro Fernando Guilhon, o Círio saiu novamente da Capela do Palácio, que havia sido restaurada. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 20).

Diante dessa realidade houve a necessidade de vários ajustes, ora por questões climáticas, ora por determinações dos responsáveis pela festa, não cabendo juízo de valor quanto às determinações dos poderes políticos ou eclesiásticos.

A saída do Círio durante 89 anos, por determinação de um órgão político que na época deveria ser compreendido como uma maneira de participação nas festividades e não como uma condição dos eclesiásticos da época:

Entre 1793, data do primeiro Círio, e 1882, o cortejo saía do palácio do governo. 1882, o bispo Dom Macedo Costa (que esteve à frente do bispado do Pará entre 1861 e 1890) e o presidente da província Justino Ferreira decidiram que a procissão sairia não mais do palácio do governo, mas da Catedral da Sé. Dom Macedo Costa foi um árduo defensor do fim do regime do padroado, que colocava a Igreja Católica sob os auspícios da monarquia portuguesa, e também um ferrenho lutador contra a autonomia dos devotos do catolicismo popular. Estes fatores podem tê-lo motivado a transferir a saída da procissão para a Catedral da Sé, favorecendo o controle sobre ela. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 20).

Mesmo surgindo disputas entre os dois poderes, a Igreja e o Estado pelo domínio da festa em tempos remotos, o povo paraense, que ficava entre os conflitos institucionais, especificamente nessa época ambos os poderes se reuniram para deliberar sobre o Círio.

A atuação dessas instituições, principalmente da Igreja Católica na pessoa de Dom Macedo Costa, era destituir o domínio, por menor que fosse dos devotos do catolicismo popular.

Atualmente encontramos no Círio, disputas entre governo, eclesiásticos e a legitimidade existente no aspecto festivo, cultural e a religião popular dos devotos paraenses, o que leva a uma disputa por territórios, espaços e identidades específicas:

É preciso conviver com sagrado e com o profano. Afinal, eles não se excluem, complementam-se e fazem parte dessa grandiosa manifestação que a cada ano parece aumentar sua “área de captação”, expressão utilizada por Eidorfe Moreira ao referir-se à área de abrangência da procissão, cujos limites geográficos são imprecisos, sobretudo quando começam a ser vistos com interesse turístico²⁹. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 68).

A convivência do sagrado e profano entre alguns paraenses são quase imperceptíveis, pois, os espaços utilizados nas festividades do Círio refletem uma vivência associada, que na visão dos clérigos não deve existir.

De um lado, a possibilidade de demarcação do espaço público, que não deve ser utilizado para o lucro por ocasião das festividades, do outro, a imposição governamental e eclesiástica, ambos buscando a manutenção do poder institucional.

A turistificação no Círio corresponde há uma movimentação de pessoas, mas de crescimentos culturais, religiosos e econômicos, para a cidade de Belém e o Estado do Pará, e os responsáveis dessa guinada são os turistas:

O Círio atrai turistas, faz lotar hotéis e restaurantes, movimenta a economia da cidade. Não há como negar que isto traz benefícios para o município, mas o importante é estar atendo para que os interesses econômicos não venham a desvirtuar o caráter popular e sagrado da manifestação, pois é ele o responsável pela longevidade e força vital. Não se pode perder de vista que a força da manifestação está na participação popular. São os devotos, os romeiros e os promesseiros os grandes responsáveis pela continuidade da tradição nesses 211 anos. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 76-77).

Os turistas são os responsáveis por injetar recursos na cidade e município sem dúvida, mas toda a tradição continua e deve continuar sendo mantida pelos personagens que cotidianamente expressam suas devoções à Santa de Nazaré.

²⁹ Nota 47. Cf. MOREIRA, Eidorfe. Visão Geo-Social do Círio. Belém, Imprensa Universitária, 1971, p. 16. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 79).

Nesses traços e trajetos turísticos ao longo do tempo, o povo paraense vem registrando sua historicidade e todos os anos essa memória deve ser registrada para as futuras gerações, pois, o presente se faz, por um passado vivo, visando um futuro ativo:

Todos os anos os jornais editam cadernos especiais narrando as origens do Círio e os principais conflitos ao longo da história; a televisão convida especialistas no tema para responder quase sempre as mesmas perguntas, como a importância da imagem de Maria na vida das pessoas, o significado da *corda*, das promessas, a força da fé. De fato, o Círio de Nazaré é um ritual de memória. Ele nos permite perceber que “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória³⁰”. Nele, os paraenses sintetizam sua identidade não apenas ao evocar uma sequência de reminiscências, mas ao serem envolvidos em uma teia de retrospectiva unificadora. As lembranças coletivas são mobilizadas para sustentar identidades associativas duradouras. (Dossiê Iphan I, 2006, pp. 68-69).

É isto que os paraenses buscam realizar todos os anos, quando rememorando as idas e vindas da Santa de Nazaré, contanto sua História por intermédio de seus aspectos políticos sociais, culturais, etnográficos e religiosos.

“A gratidão é a memória do coração”, trazendo à memória a frase do filósofo grego Antístenes, fazendo-se perceber como parte constituinte do Círio, é que o povo paraense continua em sua tradição, em meio às interdições que ainda possam surgir.

³⁰ Nota 48. Cf. LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. Revista Projeto História. São Paulo: PUC, número 17, novembro, 1998, p. 83. (Dossiê Iphan I, 2006, p. 79).

CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi responder às seguintes perguntas de pesquisa, visando descobrir elementos que comprovem o valor simbólico da corda no contexto do Círio de Nazaré, levando em consideração os aspectos socioeconômicos e histórico-religiosos.

Fizemos menção das perguntas abaixo, as quais foram sendo respondidas no corpo do texto, no entanto, buscaremos trazer um resumo para um melhor entendimento da corda e sua constituição histórica e simbólica.

Quanto as fontes escolhidas, para contribuir com as respostas, escolhemos fontes de conformidade com as lacunas contidas no sumário no início da pesquisa, na tentativa de respondê-las de forma coerente e compreensível, de modo que:

1. O que encontramos na literatura e fontes eletrônicas, quanto aos aspectos socioeconômicos, histórico-religiosos no que se referem aos ritos e interdições no Círio de Nazaré, enquanto religiosidade popular paraense?
2. Quais as contribuições mais relevantes podem ser citadas no contexto do Círio de Nazaré?
3. Quais as influências socioeconômicas, histórico-religiosas no Círio de Nazaré que continuam mantendo vivas as práticas daquela manifestação religiosa?
4. Quando a corda se tornou símbolo de sacralidade no Círio de Nazaré?

Encontramos na literatura e fontes eletrônicas, informações relevantes aos aspectos socioeconômicos relacionados a turistificação, termo que está relacionado diretamente com o turismo oferecido aos visitantes na cidade de Belém por ocasião do Círio de Nazaré.

Quanto aos ritos, percebemos neles, as diversas manifestações imbricadas entre os aspectos sagrados e profanos, que para os paraenses são indivisíveis, pois, as várias categorias de suas manifestações durante os quinze dias das festividades formam um conjunto.

As interdições desde sempre, fazem parte do contexto do Círio de Nazaré, mas a religiosidade paraense é constituída de um povo forte e resistente, pois, as várias ocorridas em sua trajetória de fé e devoção, serviram para fortalecer ainda mais sua persistência.

As contribuições citadas no contexto do Círio de Nazaré, dentre elas, podemos relatar sua popularidade na religião, pois, ela é quem tem mantido às tradições, sejam, culturais, religiosas, etnográficas, antropológicas e sociológicas.

A renda per capita do Estado do Pará, é um fator relevante para a manutenção nos dias do Círio de Nazaré, pois, deve-se levar em consideração que, além da estrutura física das ruas, os recursos capitados servem para a manutenção dos lugares sagrados para os devotos.

Não se pode esquecer que o Círio de Nazaré se fortaleceu por causa de sua popularidade, no entanto, a questão-chave para sua condição de pertencimento, teve início com uma feira agrícola e extrativista.

A feira foi inaugurada juntamente com a devoção à Nossa Senhora de Nazaré, o que fortaleceu a fé do povo paraense, que vem buscando manter sua religiosidade popular por mais de duzentos anos, mesmo que batalhas tenham sido travadas nesse trajeto.

A manutenção da tradição pode ser uma delas, através das procissões: a Trasladação e a do Círio de Nazaré, ambas permitem que a devoção continue sendo mantida, e a cada tempo o povo vai se fortalecendo e demonstrando seu pertencimento.

As várias manifestações que compõem o Círio de Nazaré, tem revelado suas características e peculiaridades, mesmo que pelo poder clerical, seus aspectos sejam divergentes de uma festividade religiosa, elas se mantêm vivas.

Quanto a corda, elemento tão trabalho neste trabalho de conclusão de curso, apresentou no decorrer do texto, várias condições de pertencimento e permanência no contexto religioso paraense, que pode ser considerado seu símbolo de ligação.

Quanto a sua sacralidade se deu em tese, quando foi atrelada pela primeira vez à berlinda, por ocasião da enchente, de modo que, do caos surgiu a resposta, e da diversidade, uma ligação com o sagrado.

Tendo a corda como símbolo de ligação do povo paraense, mesmo que consolidado nesses termos muito tempo depois, e foi o que nos propomos a descobrir nesse trabalho de pesquisa.

Embora encontremos práticas divergentes no conceito institucional relacionada a corda na História do Círio de Nazaré, hoje ela constitui-se como elemento sacralizado para os devotos, e mesmo para os visitantes que se encantam pela grandiosidade das festividades.

De fato, o Círio de Nazaré como o vimos, é um rio de gente e um mar de fé, pois, considerado como uma manifestação de religiosidade popular, e tendo a corda como elemento simbólico do povo paraense, tem se tornado uma condição de devoção coletiva.

Consideramos que a maneira como a corda surgiu no contexto do Círio deve ser considerada como uma providência, que aos olhos de alguns é uma condição do sagrado, como auxílio naquele momento de caos estabelecido.

Uma enchente surge na procissão, um aspecto natural impossibilitando o término da mesma, no entanto, na iminência de desistir, encontra-se a resolução do problema por intermédio de um objeto simples, uma corda emprestada por um comerciante.

A corda como elemento sacralizado estabeleceria a paz e harmonia nos próximos eventos, pois, o símbolo de ligação com o sagrado, de um povo que nunca desistiu, pela fé estabelecida em devoção à Santa de Nazaré.

De modo que, pelas interdições vencidas, pelo desejo do povo de que a corda continuasse fazendo parte do Círio, pelos percursos vencidos, pela sacralidade que vem sendo promovida há mais de dois séculos.

Chegamos à conclusão de que nem todos aceitam essa condição de sacralidade da corda; pelo menos para 2,5 milhões de pessoas, ela representa o símbolo de ligação desse rio de gente, e mar de fé, existente no Círio de Nazaré.

O percurso turístico e seus agenciamentos se utilizam da devoção para cumprir vários papéis na cidade de Belém, nas festividades do Círio, sendo esses culturais, sociais, econômicos, políticos, etnográficos, históricos e religiosos.

Serviços diversos com suas perdas e ganhos, conflitos e realizações a serviço do sagrado em suas dimensões individuais e coletivas, e quanto aos elementos de sacralidade em relação a corda, consideramos pelo menos nove deles nas colunas abaixo:

1. A introdução no Círio de Nazaré de forma providencial.	4. A maneira como é aguardada todos os anos pelos participantes do Círio de Nazaré.	7. A ligação direta entre os devotos e à Santa de Nazaré.
2. A oficialização conquistada após treze anos.	5. Sua condição de atrair devotos, e visitantes além fronteiras.	8. A manutenção da fé, devoção e religiosidade do povo paraense.
3. A resistência às interdições do Poder Clerical.	6. A representatividade e o reconhecimento do Poder Clerical.	9. A força que exerce na religiosidade popular paraense.

A corda é símbolo de ligação, é representação da fé de um povo que se faz representar pela sua resistência e persistência, mantendo viva sua devoção em meio a tantas interdições, vivendo no contexto da religiosidade popular.

São populares, são pessoas de sentimentos que o próprio clero desconheceu ou censurou? São esses incapazes de possuir sua força e devoção? Foram os devotos ignorados pelo poder clerical da época? Respostas que cabe lugar de investigação numa pesquisa futura.

Consideramos ainda que as fontes acessadas nos colocam na linha de investigação, na busca de descobrir mais fontes para um aprofundamento futuro, em novas pesquisas, visando trazer informações acerca da *corda como símbolo de ligação na religiosidade popular paraense*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. Estudos Avançados, 01 August 2005, Vol.19(54), pp. 315-332 (Periódico revisado por pares). **A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/16.pdf> – Acesso em 08/09/2019.

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Revisitando o Círio de Nazaré a partir da lente sociológica de Eidorfe Moreira**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 10, n. 3, p. 591-604, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222015000300005> – Acesso em 08/09/2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Funarte: 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular**. 3ª edição ampliada com depoimentos. EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2007, (475 páginas).

CHEVALIER, Jean, 1906 – **Dicionário de Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier. Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... (et al.); coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... (et al.). 32ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CÂMARA, Rafael Sette. **A corda do Círio de Nazaré e a fé de milhões**. Postado em 21/10/2017 | Atualizado em 11/05/2018 – Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/corda-do-cirio-de-nazare> – Acesso em 07/08/2019.

CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re) significações culturais – 1970–2008** – Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12638> – Acesso em 08/09/2019.

Diocese de Belém do Pará (300 anos – 1709/2019) – **Círio de Nazaré**. Disponível em: <http://arquiocesedebelem.com.br/cirio-de-nazare/> – Acesso em 09/09/2019.

Diretoria da Festa de Nazaré. **As várias versões para o achado da Imagem**. Texto: Fabrício Coleny, Jornalista Publicitário, com informações da obra *“A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará”, de Padre Francisco Dubois, (CRSP–1953)*. Disponível em: <http://cirdenazare.com.br/site/cirio/historia/> – Acesso em 09/09/2019.

ELIADE, Mircea, 1907, 1986. **O Sagrado e o Profano** / Mircea Eliade; (tradução Rogério Fernandes). – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – Tópicos, (109 páginas).

G1. Pará – Belém, Rede Liberal, em 23/09/2017. **Corda do Círio passará por inspeção neste sábado**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/corda-do-cirio-passara-por-inspecao-neste-sabado.ghtml> – Acesso em 23/08/2019.

G1 – Pará – Belém. **Círio de Nazaré deve movimentar cerca de US\$ 32 milhões em 2019, afirma Dieese** – 06/09/2019 09h06 / Atualizado há 2 dias. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2019/noticia/2019/09/06/cirio-de-nazare-deve-movimentar-cerca-de-us-32-milhoes-em-2019-afirma-dieese.ghtml> – Acesso em 09/09/2019.

G1 / FolhaPA, 23/09/2019, 12:00 – **Corda do Círio pode ser visitada no Centro Social de Nazaré, em Belém.** As visitas podem ser feitas de segunda a quinta-feira, de 9h às 12h e de 14h às 18h. Para os sábados, domingos e feriados, a visita deve ser agendada. Disponível em: <http://www.folhapa.com.br/artigo/359160/Corda-do-Cirio-pode-ser-visitada-no-Centro-Social-de-Nazare--em-Belem> – Acesso em 27/09/2019.

G1 – Pará – Belém – Por Thais Rezende. **Flores da berlinda realçam delicadeza da imagem da Virgem de Nazaré.** Flores precisam estar em harmonia com o horário do evento e com o manto. Ornamentação da peça para a Trasladação e Círio dura em média 12 horas. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2015/noticia/2015/10/flores-da-berlinda-realcam-delicadeza-da-imagem-da-vmgem-de-nazare.html> – Acesso em 24/09/2019.

IPHAN. **Dossiê Iphan I. Círio de Nazaré.** – Rio de Janeiro: Iphan, 2006. 101 p.: color., plantas; 25cm. – (Dossiê Iphan I). ISBN 85-7334-024x. Bibliografia: p. 80-81. Iphan/RJ – CDD – 06.0981.

Jornal do Paraná. **Um rio de gente, um mar de fé.** Postado em 21/10/2017 – Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-mais/um-rio-de-gente-um-mar-de-fe-991183.html> – Acesso em 06/09/2019.

MOULIN, Altier. **Círio de Nazaré:** a emocionante festa religiosa de Belém. Em 12 de outubro de 2017, Belém – Atualizado em 18 de janeiro de 2019. **A Corda do Círio.** O pedaço da corda que ganhei no Círio de Nazaré. Disponível em: <https://www.penaestrada.blog.br/cirio-de-nazare/> – Acesso em 29/10/2019.

REVISTA Círios de Nazaré, em 03/10/2018. **“Não corte a corda”.** Disponível em: <https://cirios.com.br/nao-corte-a-corda/> – Acesso em 23/08/2019.

REVER – Revista de Estudos da Religião Nº 3 / 2003 / pp. 30-49. ISSN 1677-1222. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_silva.pdf – Acesso em 28/10/2019.

SILVA, Glaucete Vitor da. **Turismo Religioso:** estudo do impacto econômico do Círio de Nazaré na cidade de Belém, Pará. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7728/4412> – Acesso em 08/08/2019.

SERRA, Débora Rodrigues de Oliveira. **Turismo Religioso, Território e Territorialidades:** o Círio de Nazaré em Belém/PA – Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/5078/5024> – Acesso em 08/09/2019.

Turismo & Sociedade (ISSN: 1983 – 5 442). Curitiba, v. 7, n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014. Dossiê: Megaeventos. **O Círio de Nazaré (Pará, Brasil):** relações entre o sagrado e o profano – Ricardo Frugoli e Marielys Siqueira Bueno – Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/37146/22851> – Acesso em 09/09/2019.

ANEXO

OS SIMBOLISMOS DA CORDA – DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS DE JEAN CHEVALIER, 1906 & ALAIN GHEERBRANT, 1920. (pp. 285-286).

CORDA

A corda está ligada, de maneira geral, ao simbolismo da ascensão, como a árvore*, a escada* de mão, o fio de teia de aranha*. A corda representa o meio, bem como o desejo de **subir** (ELIT, 95). Atada em nós, simboliza qualquer espécie de **vínculo** e possui virtudes secretas ou mágicas³¹.

A corda do arco simboliza, na tradição védica, a força que confere ao arco sua eficácia. Mas essa força é invisível e de natureza quase imaterial. Ela não provém nem do peso, nem da duração, nem de uma ponta acerada. Ela é como que **feminina**. Ela vem de uma tensão. *Ei-la que se aproxima da orelha como se fosse falar, beijando seu querido amante, é a Corda: esticada no arco, ela vibra como uma donzela, salvadora, na batalha.* (Rig-Veda, 6, 75)³².

A corda de prata designa a via sagrada, imanente na consciência do homem, que liga seu espírito à essência universal, o *palácio de prata*. É a via da *concentração* pela meditação. Varuna é representado, em geral, com uma corda na mão, símbolo do seu poder de ligar e desligar (laços*)³³.

Nos hieróglifos egípcios, a corda em nó designa o nome de um homem ou a existência distinta de um indivíduo. É o símbolo de uma corrente de vida, refletida sobre si mesma e se constituindo enquanto **pessoa**³⁴.

A lenda grega fala de um cordoeiro, Ocnos, *personagem simbólico*, que era presenteado nos Infernos, ocupado em tecer uma corda que uma jumenta* ia comendo à medida que ficava pronta. Tal símbolo era interpretado correntemente como significando que Ocnos era um homem trabalhador, que desposara uma mulher gastadeira (GRID, 322 a). Como, por outro

³¹ Citação referenciada na página, 26.

³² Idem, página, 31.

³³ Idem, páginas, 25-26.

³⁴ Idem, página, 56.

lado, a corda simboliza o castigo de Nêmesis, é lícito perguntar se a corda de Ocnos, incessantemente tecida por ele e devorada por sua mulher, não simboliza o **castigo perpétuo** infligido a um casal malvado³⁵.

A corda é representada também, muitas vezes, entre as mãos da Fortuna, que pode pôr termo a uma vida, cortando o fio da existência segundo os seus caprichos³⁶.

Na África, os feiticeiros utilizam a corda como instrumento de magia. Acredita-se que ela se transforme em serpente, cajado, fonte de leite etc. (HOLK)³⁷.

Lá nas civilizações da América Central é um símbolo divino. Cordas pendentes do céu simbolizam, nas artes maia e mexicana, o **sêmen divino** caindo do céu para fecundar a terra. Esse simbolismo é encontrado também no nome do mês que marca o começo da estação das chuvas e que, no antigo calendário mexicano, se diz Toxacatl, que significa “corda” ou “laço” (GIRP, 99)³⁸.

Nos costumes locais como manuscrito maias, a chuva é, igualmente, simbolizada por cordas. Não se diz, familiarmente, em francês, quando chove muito, que il tombe des cordes? (caem cordas). Na arquitetura maia, as cordas se tornam pequenas colunas³⁹.

Entre os Chorti, o defunto era enterrado com uma corda, que devia ajudá-lo a combater os animais ferozes que encontrasse pelo caminho, no mundo subterrâneo⁴⁰.

³⁵ Citação referenciada na página, 35.

³⁶ Idem, página, 27.

³⁷ Idem, página, 25.

³⁸ Idem, página, 24.

³⁹ Idem, página, 24.

⁴⁰ Referência que não foi anexada no corpo do texto.

A corda sagrada xintoísta, Shimenawa (corda de palha de arroz: shime = “apertado”, nawa = “corda”) tinha originariamente o nome de shirikumenawa. O nome atual é uma redução. O antigo significava *uma corda de palha tecida de tal maneira que as raízes da palha são visíveis na sua extremidade*. Tal corda é posta nos lugares sagrados para barrar a entrada das más influências, dos maus espíritos. Para impedir, também, os acidentes, os sinistros, as desgraças. Símbolo **protetor**, os japoneses põem cordas sobre os torii⁴¹, nos templos xintoístas, no alto das novas construções. Nos ringues onde vai haver lutas de sumô, e na porta de todas as casas por ocasião do Ano Novo. As Shimenawas velhas são queimadas, por serem sagradas⁴².

Era com uma corda que os feiticeiros das regiões nórdicas atavam os ventos sobre os quais tinham poder. Numa ilustração da História de gentibus septentrionalibus (Olaus Magnus, Roma, 1555), vêem-se dois navegadores em discussão com um feiticeiro, de pé sobre um rochedo isolado, no mar para saber por que preço ele lhes venderá a corda de três nós que ele tem na mão e que encerra os **ventos subjugados**. Desfazendo o primeiro nó, eles obtêm um bom ventinho de oeste-sudoeste; desfazem o segundo, trocam-no por um vento norte assaz rude; uma vez desmancha o terceiro, sobrevém a mais horrível tempestade (GRIA, 105)⁴³.

No Corão, a corda é, igualmente, um símbolo ascensional, lembrando a corda do xamã ou do hindu, que serve para escalar os céus. *Eles possuem, acaso, a realeza dos céus, da terra, e aquilo que fica no meio? Que subam, então, ao céu com cordas! (18. 10; 22. 15; 40. 34)*. Mas que derrisão querer alguém lançar uma corda para o ar! Há nas palavras do Profeta sobre a corda como que um desafio cheio de ironia. As cordas celestes só podem vir do próprio céu e não subir por si mesmas da terra, apesar de todos os esforços dos homens. Ou, em outras palavras, a ascensão celeste só é possível pela graça⁴⁴.

⁴¹ O torii, também conhecido como tori (com apenas um i), é um **símbolo japonês** que, mais do que um ornamento arquitetônico, representa a abertura para um estado divino. **Simboliza a passagem do mundano para o sagrado**. Por isso, é um portal que fica sempre à entrada dos templos sagrados do Xintoísmo, a religião tradicional japonesa. Essa espécie de portão pode estar somente na entrada, um torii isolado, bem como vários deles podem ser colocados em fila formando uma espécie de túnel. Estes são ofertas de devotos em agradecimento a algo recebido. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/torii/> – Acesso em 07/09/2019.

⁴² Referência que não foi anexada no corpo do texto.

⁴³ Citação referenciada na página, 21.

⁴⁴ Idem, página, 27.

A corda com nós é, nos templos maçônicos, um símbolo com o qual se adornam as paredes: *simboliza a cadeia de união que prende todos os maçons uns aos outros, e que eles mesmos figuram formando um círculo, de mãos dadas. Numa loja mista, os membros se esforçam, tanto quanto possível, em formar uma corrente em que Irmãos e Irmãs se alternem.* F. Gineste diz, a propósito: *a cadeia de união nos parece, essencialmente humana; melhor ainda, de uma reconciliação universal* (HUTF, 158.174)⁴⁵.

⁴⁵ Citação referenciada na página, 61.